



Mentalidade Colonial: O Essencialismo do Método

Keekok Lee

Honorary Research Fellow

School of Humanities

University of Manchester.

<https://personalpages.manchester.ac.uk/staff/keekok.lee/>

Tradução

Ephraim Ferreira Medeiros

Título original

The Colonial Mind-set: Essentialism of Method

Projeto medicinachinesaclassica.org

ANO XI

Preâmbulo

Este é o capítulo de abertura de um livro, a ser publicado em breve, intitulado: Um Estudo de Caso sobre Filosofia Intercultural da Medicina: *Biomedicina, Medicina Chinesa Clássica e o Conjunto de Mentalidade Coloniais*. O texto foi reformulado para levar em conta que está sendo apresentado como um texto autônomo especialmente para o projeto Medicinachinesaclassica.org.

Introdução: A Mentalidade Colonial e o Essencialismo do Método

A Medicina Ocidental Moderna (MOM) que hoje também é chamada Biomedicina (Bm) e MCC-Zhongyi¹ são dois sistemas muito diferentes de medicina/*medicina*; eles estão enraizados em estruturas teóricas/filosóficas muito diferentes, o primeiro na Tradição da Filosofia Ocidental Moderna e o segundo na² *Filosofia Taoísta Chinesa Clássica*. Cada filosofia gera e sustenta sua própria ciência e sua própria medicina. Em outras palavras, a Bm/MOM sustenta, implícita ou explicitamente, seu próprio paradigma de cientificidade; assim como a MCC-Zhongyi. Também é verdade que a Bm, globalizada, é a medicina dominante, e a MCC-Zhongyi não é. Isto, por sua vez, faz com que a que a Bm e seu paradigma de cientificidade sejam mantidos como "o Paradigma da Cientificidade", e qualquer rivalidade ou desvio dele é julgado pelo mesmo motivo como sendo inferior/falho ou pseudociência, mesmo "maluquices". Tal abordagem constitui o Essencialismo do Método, cujo significado é auto-explicativo, ou seja, que em qualquer domínio existe uma e apenas uma forma/método de conduzir a atividade que é correta. Como já observado, ela também pode ser chamada de Excepcionalismo Metodológico.

O essencialismo do Método pode ser visto como uma encarnação da Mentalidade Colonial, com os seus papéis de Colonizador e Colonizado - O Colonizador é a Bm, o Colonizado, a MCC-Zhongyi. Este capítulo (e livro do qual faz parte) tentará mostrar que o Essencialismo do Método é filosoficamente questionável ou falho de várias maneiras.

Primeiro, pode-se dizer que é questionável de acordo com a filosofia posterior de Wittgenstein, a das *Investigações Filosóficas (FI)*, publicada postumamente em 1953, enfocando as noções de jogos para ilustrar o caráter dos jogos de linguagem como uma forma de vida, bem como a semelhança familiar. Usamos a linguagem

¹ Neste estudo, ele é simplesmente usado para se referir àquele sistema de *medicina* indígena da China que teve/já se desenvolveu por mais de dois mil anos e que, ultimamente, preferiu manter à distância o impacto da Biomedicina, confiando em seus próprios recursos, tanto *médicos* quanto *filosóficos*, para entender e resolver os problemas que surgem hoje sob as condições modernas de vida.

² É preciso distinguir entre taoísta *philosophy* 道家 *daojia* e taoísta religion 道教 *daojiao*. O primeiro se concentra em textos como *The Yijing/I Ching*, *The Laozi/The Daodejing*, *The Zhuangzi*, *The Huangdi neijing* e outros textos pré-Qin, enquanto o último surgiu na dinastia Han fundada por alguém identificado como Zhang Daoling 张道陵 (34- 156 CE). Para discussão detalhada, ver Lee 2021/próximo, Capítulo 1

quando inventamos histórias, quando atuamos em teatro, quando relatamos um tsunami, quando fazemos uma piada, quando agradecemos e elogiamos outros, quando teorizamos e fazemos hipóteses na ciência, quando declaramos um julgamento em um tribunal, e assim por diante. Da mesma forma, jogamos inúmeros jogos: jogos jogados por crianças, por adultos, jogados dentro de casa, jogados ao ar livre, jogos que são fortemente estruturados com árbitros e sedes globais ou aqueles com uma ou duas regras simples ou nenhuma, jogos jogados por mais de um ou por um jogador. Não temos dificuldade de reconhecer e identificar todos eles como jogos, mas seria difícil encontrar uma única característica comum a todos eles (a não ser conferir a eles o rótulo "jogo"). Não podemos mais dar uma definição final essencial de "jogo" do que encontrar "o que é comum a todas essas atividades e o que as transforma em linguagem ou partes de linguagem (*FI 65*)".

Em uma família com muitos irmãos, alguns são homens, outros mulheres, alguns são mais altos, outros mais baixos, alguns têm maior índice de massa corporal (IMC), outros menores, alguns têm cabelo louro e olhos azuis, outros têm cabelo ruivo e olhos castanhos e assim por diante. Provavelmente não há um único traço que você possa escolher como comum a todos eles, mas não temos nenhuma dificuldade em identificá-los como irmãos.

Os irmãos podem não ter uma única coisa que se possa escolher em comum a todos eles, constituindo sua identidade como irmãos; em vez disso, eles compartilham "uma rede complexa de semelhanças sobrepostas e cruzadas (*PI 66*)".

Tais insights ajudam a ver que o Essencialismo do Método é filosoficamente questionável no contexto da Mentalidade Colonialista em relação aos diferentes sistemas de medicina. Para modificar as analogias de Wittgenstein de jogos e semelhanças familiares para se adequar um pouco à natureza deste "jogo" particular, pode-se dizer que MOM/Bm e MCC-Zhongyi compartilham uma rede complicada de semelhanças gerais sobrepostas e transversais, mas também uma rede igualmente complicada de diferenças cruzadas específicas.

E agora exploramos se o Essencialismo do Método também constitui um **erro de categoria**. Gilbert Ryle 1949 invocou a noção de erro de categoria para criticar o relato de Descartes sobre a relação Alma/Corpo-Mente em termos de dualismo - Descartes ensinou que a pessoa consiste em duas substâncias, o Corpo que é físico, ocupando uma porção de espaço e tempo e a Alma que não é física, mas existe, levando em conta o fato de que nós, humanos, diferimos de outros animais, pois possuímos um tipo único de consciência. A Alma foi substituída pela mente no relato de Ryle que afirmava que Descartes estava errado, pois não havia nenhuma substância chamada Mente, que a Mente não existia independentemente do Corpo/cérebro. Havia apenas o corpo com um cérebro e era o cérebro que era responsável por nossa capacidade de pensar e sentir. Ryle chamou o erro de categoria de Descartes de "o dogma do Fantasma na Máquina". Este "sustenta que existem tanto corpos quanto mentes; que ocorrem processos físicos e mentais; que existem causas mecânicas de movimentos corpóreos e causas mentais de

movimentos corpóreos (1949, 11)". Resta saber se Ryle havia demolido Descartes³, mas por enquanto, vamos nos concentrar na própria noção de erro de categoria. Para o propósito deste estudo, diz-se que um erro de categoria ocorre quando em um determinado contexto, um item de um discurso que deveria pertencer a uma categoria é julgado/caracterizado erroneamente sob outra categoria. Além da questão Cartesiana sobre Corpo e Mente, Ryle citou outros exemplos de erro de categoria.⁴ Ele apontou uma piada bem conhecida decorrente de uma;⁵ entretanto, como seu livro foi publicado em 1949, naturalmente ele não poderia ter citado o exemplo humorístico muito conhecido desde a publicação de *The Complete Molesworth*, com a legenda "Alguns paralelogramos (sic) baseados no Monte Olimpo: E Pitágoras perseguindo-os".

Ao contrário do próprio Pitágoras, que poderia tomar banho de sol no Monte Olimpo se assim o desejasse, os paralelogramos são figuras geométricas euclidianas, e é óbvio que não faz sentido falar de tais entidades banhadas de sol. Também não faz sentido falar de Pitágoras perseguindo tais configurações geométricas, como um velho sujo rodeado de lindas jovens de biquínis enquanto elas se deitam em suas toalhas em uma praia em alguma ilha grega no auge da estação turística no verão. No entanto, as pessoas que pensam que este é um erro genuíno de categoria devem ser bastante dementes. Qualquer um que conheça a proveniência da frase citada saberia que ela vem de um volume humorístico de Geoffrey Williams e Ronald Searle 1958, 47 onde Searle, o grande cartunista, desenhou o esboço como ilustração. O objetivo dos autores é provocar uma gargalhada. É claro que o riso só faz sentido porque se baseia na compreensão intuitiva que o leitor tem de um erro de categoria.

Tomemos este exemplo que foi oferecido com extrema seriedade, nada a ver com humor, piada ou sátira; no entanto, estranhamente, filósofos incluindo Ryle falharam em ver que o livro equivale a ter cometido um erro de categoria. Julian Offray de la Mettrie (1709-1751), cem anos após a morte de Descartes, publicou em 1748 na Holanda sua famosa ou infame obra intitulada *L'homme machine* (em inglês como *Man A Machine*, dois anos depois).⁶ Ao aparecer, o livro foi queimado publicamente e de la Mettrie foi forçado a fugir para Berlim onde permaneceu até sua morte em 1751, sob a proteção de Frederico, o Grande. Nessa obra ele escreveu:

³ O capítulo 8 deste livro irá explorar este problema.

⁴ Estes são: (a) O visitante da Universidade de Oxford, que depois de ter sido mostrado a todas as faculdades, bibliotecas, laboratórios, jardins e parques, o rio, sua casa de barcos e seus barcos, no final do dia reclamou que não tinha sido mostrado à Universidade. (b) Em um desfile militar, o observador havia visto os batalhões, as baterias, os esquadrões marcharem e, ainda assim, alegou que não havia visto a divisão, (c) In um jogo de críquete, o visitante havia visto os batedores, os arremessadores, os jogadores de campo em jogo e, ainda assim, disse que não havia observado o espírito de equipe. (d) O estudante de política britânica aprendeu tudo sobre o Gabinete, o Parlamento, os vários Ministérios, o Judiciário, a Monarquia, a Igreja da Inglaterra e, no entanto, pareceu estar enraivecido com a natureza da Constituição Britânica. Este autor deixa para o leitor a tarefa de descobrir quão convincentes são estes exemplos.

⁵ "Ela voltou para casa em uma enchente de lágrimas e uma cadeira de sedan (1949, 11)".

⁶ URL = <http://www.cscs.umich.edu/~crshalizi/LaMettrie/Machine/>.

O corpo humano é uma máquina que serpenteia suas próprias engrenagens. É a imagem viva do movimento perpétuo. ... Vamos agora entrar em alguns detalhes a respeito dessas engrenagens da máquina humana. Todos os movimentos vitais, animais, naturais e automáticos são levados adiante por sua ação. Não é de uma forma puramente mecânica que o corpo encolhe quando é atingido pelo terror ao ver um precipício imprevisto, que as pálpebras são abaixadas na ameaça de um golpe, como alguns observaram, e que a pupila se contrai em plena luz do dia para salvar a retina, e se dilata para ver objetos na escuridão ...? ... O corpo humano é um relógio, um relógio grande construído com tanta habilidade e engenhosidade, que se a roda que marca a segunda parar, a roda minúscula gira e continua sua volta, e da mesma forma a roda de quarto de hora, e todas as outras continuam correndo quando as primeiras rodas pararam por causa de ferrugem ou por qualquer razão fora de ordem.

... Ser uma máquina, sentir, pensar, saber distinguir o bem do mal, assim como o azul do amarelo, numa palavra, nascer com inteligência e um instinto moral seguro, e ser apenas um animal, são, portanto, características que não são mais contraditórias do que ser um macaco ou um papagaio e poder dar prazer a si mesmo.

... Vamos então concluir corajosamente que o homem é uma máquina, e que em todo o universo existe apenas uma única substância modificada de forma diferente.

O ser humano, até então, era universalmente considerado na teologia/cultura ocidental como a criação abençoada de Deus (Tese I). Em outras palavras, nós somos os artefatos de Deus. Como tal, a humanidade como artefato de Deus satisfaz as quatro causas de Aristóteles: Deus (a causa eficiente) escolheu determinado material (causa material) para nos fazer de acordo com um determinado plano (ereto, ambidestro, bípede, causa masculina ou feminina/formal), para que possamos amá-lo, honrá-lo e obedecê-lo (causa final). Quando o secularismo se instalou com o Iluminismo, Deus abandonou esse cenário e as elites iluminadas ocidentais simplesmente consideraram os seres humanos como outros seres, parte da ordem natural das coisas, como leões e tigres, exceto que nós humanos possuíamos um tipo de consciência que parecia ser de uma ordem mais elevada em que podíamos pensar abstratamente, usar símbolos/idioma que podem ser escritos (Tese II). Enquanto a Tese II desafiou a Tese I, de la Mettrie foi um passo além para pronunciar que os seres humanos são máquinas (Tese III) - agora, isso é verdadeiramente radical e revolucionário, daí a queima de seu livro e seu autoexílio.

Nós, humanos, fazemos máquinas; as máquinas são nossos artefatos. Os artefatos são feitos por nós para cumprir nosso propósito/intenção e nossos desejos. Pegue uma estátua de Alexandre o Grande. Uma estátua, como um artefato, *por excelência*, também satisfaz todas as quatro causas de Aristóteles: o material (escolhemos fazê-la em bronze), o formal (a moldamos como Alexandre em forma de um homem helenístico e não uma mulher), o final (colocamos a estátua na praça de nossa cidade para honrar nosso herói); o eficiente (um escultor que a moldou). As coisas no mundo estão divididas em duas grandes categorias ontológicas: por um lado, nossos artefatos e, por outro, as coisas naturais que, em princípio, surgiram, continuam a existir independentemente de nós, continuarão a existir se nos extingirmos como

espécie, e já existiam na história do planeta Terra muito antes da espécie humana evoluir com o tipo peculiar de consciência que, de fato, possuímos. O domínio natural das coisas existe para si mesmo (o biótico, os animais e as plantas) ou vive por si mesmo (o abiótico, como rios e montanhas). Tese II e Tese III são dois modos de existência nitidamente diferentes.⁷ Portanto, confundir os seres humanos que fazem artefatos com os artefatos que fizeram, ou seja, seus próprios produtos, é certamente cometer um erro de categoria. Além disso, de la Mettrie disse que os humanos são máquinas, o mais mecanicista dos produtos/artefatos humanos.

Este erro ontológico de *volte-face* ou categoria não é uma experiência de pensamento; nem é um gesto humorístico para provocar um sorriso ou uma gargalhada (como o exemplo de Williams e Searle). Isto é real: um verdadeiro erro categoria que não foi cometido como uma ferramenta pedagógica nem por aqueles inclinados ao humor, mas sim por filósofos sérios, e reconhecidos, como veremos, pelos cientistas sobre os quais eles procederam para erguer a Era da Ciência Moderna/Modernidade e a Era da Medicina Ocidental Moderna/Bm. Apresentamos aqui um breve relato do impacto do erro desta categoria na Filosofia Ocidental Moderna.

Para começar, ele penetrou até mesmo no domínio da teologia natural.⁸ Tomemos como exemplo o palhaço de Hume, Cleanthes, que foi criado como expoente da própria visão que ele, Hume (em 1799), pretendia demolir - as palavras colocadas na boca de Cleanthes são as seguintes (1998, 15):

Olhe ao redor do mundo; contemple o todo e cada parte dele: Você verá que não passa de uma grande máquina, subdividida em um número infinito de máquinas menores, que mais uma vez admitem subdivisões em um grau além do que os sentidos e as faculdades humanas podem traçar e explicar. Todas essas várias máquinas, e até mesmo suas partes mais ínfimas, são ajustadas umas às outras com uma precisão que arrebatava em admiração todos os homens que já as contemplaram. A adaptação curiosa dos meios aos fins, em toda a natureza, assemelha-se exatamente, embora exceda em muito, às produções do artifício humano; do projeto humano, do pensamento, da sabedoria e da inteligência. Como, portanto, os efeitos se assemelham, somos levados a inferir, por todas as regras da analogia, que as causas também se assemelham; e que o Autor da Natureza é algo semelhante à mente do homem, embora possuidor de faculdades muito maiores, proporcionalmente à grandeza da obra que ele executou. Por este argumento *a posteriori*, e somente por este argumento, provamos imediatamente a existência de uma Deidade, e sua semelhança com a mente e a inteligência humanas.

⁷ Para uma argumentação detalhada sobre a diferença entre os dois modos de existência, ver Lee 1999.

⁸ De fato, no final da Idade Média, até mesmo a imaginação dos teólogos (além da de outras elites e da aristocracia) havia sido capturada por relógios e outros autômatos mecânicos. Alguns autores já haviam se referido ao cosmos como *machina mundi*. Um dos mais famosos é Nicole Oresme (1323-1382), matemático e teólogo (Bispo de Lisieux). Em 1370, ele havia escrito: "E estes poderes são tão moderados, temperados e ordenados contra suas resistências que os movimentos são feitos sem violência". E exceto pela falta de violência, é como a situação em que um homem fez um relógio e o deixa ir e se move por si mesmo. Assim, foi que Deus deixou os céus serem movidos continuamente de acordo com as proporções que os poderes em movimento têm para suas resistências e de acordo com a ordem estabelecida" (Merchant 1980, 223).

O motivo em citar esta famosa passagem não é, do ponto de vista deste estudo, sobre o chamado argumento do “design inteligente” para a existência de Deus, e sim como ilustração de como o erro contundente de *volte-face*/categoria penetrou até mesmo no discurso teológico - o mundo que o Todo-Poderoso havia criado não era nada além de uma vasta máquina, composta por sua vez de uma série de máquinas menores.

A última contribuição de William Paley, ainda mais conhecida em seu livro, *Natural Theology* 1802, demonstra um ponto semelhante, mas com esta diferença - no caso de Paley, ele realmente queria inferir a partir do relógio (com suas partes mecânicas intrincadamente relacionadas) a existência do relojoeiro da mesma forma que o olho (com suas partes mecânicas intrincadamente relacionadas) levaria a inferir que o olho (o organismo do qual o olho é apenas uma parte) deve ter um fabricante, ou seja, Deus.⁹

Ao cruzar uma mata, suponhamos que eu tenha colocado meu pé contra uma *pedra* e me perguntaram como a pedra chegou lá, eu poderia possivelmente responder que por qualquer coisa que eu soubesse ao contrário, ela ficou lá para sempre; nem seria, talvez, muito fácil mostrar o absurdo desta resposta. Mas suponha que eu tivesse encontrado um *relógio* no chão, e deveria ser perguntado como o relógio estava naquele lugar. Eu dificilmente deveria pensar na resposta que eu dei antes, que o relógio poderia ter estado sempre lá. Mas por que esta resposta não deveria servir tanto para o relógio quanto para a pedra? Por que ela não é tão admissível no segundo caso como no primeiro? Por esta razão, e por nenhuma outra, a saber, que quando chegamos a inspecionar o relógio, percebemos - o que não pudemos descobrir na pedra - que suas várias partes são emolduradas e montadas para um propósito ... [O necessário] mecanismo sendo observado ... a inferência que pensamos ser inevitável, que o relógio deve ter tido um fabricante. Toda observação que foi feita em nosso primeiro capítulo a respeito do relógio pode ser repetida com estrita propriedade a respeito do olho, dos animais, das plantas, de fato, a respeito de todas as partes organizadas da obra da natureza. ... *o olho* ... seria só o suficiente para apoiar a conclusão que tiramos dela, quanto à necessidade de um Criador inteligente.

Ainda hoje tal discurso não está sem ressonância - testemunhe a conversa sobre design inteligente no debate que também envolve a defesa de Richard Dawkins da seleção natural darwiniana em seu livro de 1986. Dawkins não teria nenhuma objeção de princípio a conceber o mundo, assim como as diversas entidades nele contidas, como máquinas muito complicadas, exceto que sua complexidade como máquinas não requer nenhum criador divino. Na verdade, na opinião de dois outros teóricos recentes da biologia (Maturana e Varela), os organismos são "máquinas autopoieticas". Em outras palavras, os organismos são máquinas auto-organizadoras, mas máquinas não obstante.¹⁰

⁹ URL = <http://www.ucmp.berkeley.edu/history/paley.html>.

¹⁰ Para uma argumentação detalhada, ver Lee 1999, Capítulo Cinco.

Além disso, tal erro de categoria subverteu até mesmo a própria expressão sob um ponto de vista cujo fim explícito é justamente combatê-lo. Tomemos o seguinte exemplo:

Douglas explicou que sua viagem a Madagascar havia acendido uma chama dentro dele que não se apagaria. Na companhia de um zoólogo chamado Mark Carradine, ele encontrou e fotografou o lêmure esquivo conhecido como aye-aye, uma experiência, juntamente com a leitura de Dawkins, que o fez perceber que a *tecnologia* que agora mais o excitava era a que havia evoluído ao longo de milhões de anos e que resultou nele e em mim e, por fim, no dispositivo que não parava de se manifestar. Ele realmente queria entender este negócio da vida e da extinção. Ele e Mark tinham se dado bem imediatamente, e o plano agora era encontrar mais sete espécies como o aye-aye que estavam em perigo iminente de desaparecer para sempre. [O itálico é inserido pela autora deste livro].

Estas são as palavras de Stephen Fry (2009) que publicou em junho de 2009 com Mark Carwardine uma sequência do livro original de 1990 de Douglas Adams e Mark Carwardine. O tema destes dois livros é lamentar a extinção de espécies e sua missão é conscientizar sobre a potencial ameaça à extinção de espécies ameaçadas de extinção. As espécies na natureza (em oposição às domesticadas) são *por excelência* os resultados da evolução natural e da seleção e, portanto, são fenômenos que ocorrem naturalmente. No entanto, os alevinos têm deixado (mesmo sem perceber) de caracterizar o processo de evolução natural e suas questões como processos mecânicos e produtos tecnológicos. . Como é irônico que ele pareça desconhecer que o que acontece naturalmente é a camada ontológica do modo artístico/tecnológico de ser. O uso não irônico por Fry da palavra "tecnologia" na frase citada acima é a evidência do tipo mais claro da profundidade a que o erro ontológico de *volte-face* /categoria penetrou na consciência contemporânea.

Em outras palavras, este erro de categoria particular é uma grande história de sucesso. A MOM/Bm repousa principalmente na sua aceitação e, além disso, na adoção do papel do Colonizador em relação a qualquer outro sistema de medicina que difere dele de maneira significativa; ele consigna tais alternativas ao papel do Colonizado.

Considere um grupo de jurados em uma exposição de gatos. Sabemos que os gatos ronronam e miam, os cães latem e, se devidamente treinados, obedecem aos comandos de seus donos. Agora, seria absurdo e ridículo julgar um gato usando as normas para julgar a bondade de um cão, concluindo que um gato é inferior a um cão, já que o animal não ladra e não obedece aos comandos. O absurdo seria tão óbvio que não podemos imaginar jurados em um show de gatos fazendo algo tão ridículo quanto isso; todos, exceto os possivelmente dementes, não aceitam que haja apenas um critério "válido" para julgar os animais em shows. Existem tantos critérios "válidos" quanto existem animais diferentes - qual critério se aplica depende inteiramente do animal inscrito para um determinado espetáculo. Há exposições de vacas, cavalos, cães e gatos. No entanto, os defensores da "exposição médica" parecem esquecer a existência de diferentes sistemas de medicina, cada um

deve ser entendido em termos de seus próprios pressupostos filosóficos/teóricos, suas próprias metodologias de diagnóstico e tratamento de pacientes. Não faz sentido eliminar outro sistema de uma maneira geral como defeituoso/inferior/ininteligível apenas pelo fato de ser diferente do seu sistema.

Fazer isso é equivalente a confundir uma exposição de gatos com uma exposição de cães: Digamos que Bm é o equivalente de cães em uma exposição canina e MCC-Zhongyi, o equivalente de gatos em uma exposição canina. MCC-Zhongyi é um gato que é julgado como um cão inferior pois mia, quando na realidade não é um cão mas um gato.

Aqui há isomorfismo e simetria. No entanto, MOM/Bm em seu papel de O Colonizador parece não ter entendido o ponto.

História do Colonialismo/Imperialismo Ocidental

Para entender o presente, é preciso entender o passado. Portanto, precisamos falar sobre o colonialismo ocidental recente e seu impacto sobre o povo chinês e como eles percebem sua própria cultura desde o século ¹⁹, apesar do fato de que, em um sentido formal, a China não foi colonizada da maneira que a Índia foi.

O colonialismo, às vezes também chamado de Imperialismo, é um fenômeno muito antigo - pensa-se imediatamente no Império Romano no Ocidente (31 a.C. - 476 d.C.) e no Império Mongol no Oriente (que atingiu seu zênite durante os séculos XIII e XIV d.C.). O fenômeno envolve necessariamente duas partes principais, O Colonizador e O Colonizado. Em linhas gerais, historicamente, os primeiros geralmente o faziam através do poderio militar - podem ser referidos tanto literalmente quanto metaforicamente “como homens que conquistaram a cavalo”. Isto constitui a primeira fase; a segunda fase que se segue é a apreensão ou controle dos recursos econômicos dos conquistados. ¹¹A terceira fase pode ser chamada de fase cultural¹², quando o Colonizador impôs sua própria cultura ao Colonizado em nome de sua superioridade (militar e econômico) - é nesta fase cultural que este estudo está fundamentalmente interessado.

Entretanto, é preciso salientar imediatamente que a história em si é mais complexa do que qualquer esquema que um teórico possa querer impor-lhe. A complexidade

¹¹ Pode-se pensar imediatamente em uma exceção à regra, a saber, no caso da Índia, o Império Britânico. Nesse continente, a East India Company precedeu o Raj britânico que surgiu para proteger as atividades comerciais/econômicas. No entanto, tendo admitido isso, continua a ser o caso de que os Raj britânicos também procederam para capturar, controlar e minar as atividades econômicas nativas, tais como a destruição da próspera indústria de algodão indiana (cottage). O objetivo era promover os produtos de sua própria indústria de algodão estabelecida em solo britânico após o sucesso do comércio de escravos africanos ter permitido o florescimento de plantações de algodão na América do Norte, cujo algodão bruto poderia então ser enviado para a Grã-Bretanha para ser fiado em tecido por máquinas em moinhos.

¹² Estas fases não precisam ser consideradas de caráter temporal, dependendo da instância que se estuda. O ponto crucial aqui é que a distinção em três dimensões/fases é de caráter conceitual.

neste contexto se refere a várias reações possíveis por parte do Colonizador ao militar e ao economicamente subjugado:

1. O Colonizado pode simplesmente deixar para trás sua língua que, após muitos séculos de evolução e desenvolvimento, tornou-se a língua indígena das várias regiões outrora ocupadas pelo Colonizador.¹³
2. O Colonizado, ou pelo menos a elite entre eles, aceitou alegremente a superioridade da cultura do Colonizador ou prontamente absorveu sua cultura imposta, seja inconsciente ou consciente, e logo aprendeu a adotar uma atitude condescendente com sua própria cultura indígena, deixando-a para trás como sendo adequada, talvez, apenas para os camponeses sem instrução ou para as massas mal instruídas.¹⁴
3. O que é um pouco mais incomum é uma terceira possibilidade, quando o Colonizador após sua captura militar, política e econômica do Colonizado se mostrou apto a adotar/absorver a cultura indígena. Este fenômeno aconteceu duas vezes na história chinesa. A primeira ocorreu durante a curta dinastia Yuan (1271-1368 CE) do domínio mongol, quando os mongóis conquistaram o norte da China, terminando a dinastia Song do Norte (levando a Corte Song a recuar e escapar para o sul do rio Yangzi (Jiangnan 江南); a segunda ocorreu durante o domínio Qing-Manchu na própria China (1636 ou 1644 - 1911/1912) que durou vários séculos. Os conquistadores/colonizadores perceberam que, embora fosse fácil conquistar a cavalo, governar a cavalo não seria fácil, se não impossível. Nessas duas ocasiões, a elite indígena, sua língua e cultura se mostraram indispensáveis para o bom funcionamento da nova dinastia; assim, porém, inicialmente assediados e perseguidos, sua burocracia, seu exame de funcionário público (*keju* 科举, que selecionava candidatos aprovados como oficiais com base em seu

¹³ Isto foi o que aconteceu com o latim, a língua dos romanos e a língua oficial do Império Romano. Quando eles deixaram a Europa Ocidental, o latim acabou se transformando nas línguas românicas que conhecemos hoje, como o francês, o italiano, o espanhol, o português e até mesmo o romeno. (A Romênia era uma província do Império Romano, então chamada Dacia.) O inglês, por sua vez, foi muito influenciado pelo francês no que diz respeito ao seu vocabulário, após a Conquista Normanda de 1066.

¹⁴ Um exemplo disso pode ser encontrado na sociedade inglesa após a Conquista Normanda. A elite inglesa adotou o francês (a língua da corte) como língua superior, deixando o inglês para os camponeses e para as ordens inferiores. Como resultado, ao estudar a história da língua inglesa, descobriu-se que enquanto a carne da vaca era chamada "beef", uma anglicização da palavra original francesa "boeuf", a pessoa que cuidava da vaca (o camponês) era chamada de "rebanho de vacas". Somente a elite podia comprar e comer carne de vaca, a carne do animal destinada à sua mesa. Seria vulgar e não refinado para eles falar em comer carne de vaca à mesa, enquanto que teria sido *de rigeur* falar em servir *boeuf saignant* - bife servido mal passado. (Ver Lee 2008, Parte I.)

domínio dos textos canônicos), sua *filosofia*,¹⁵ sua língua (escrita¹⁶ e falada)¹⁷, seu gosto pelas artes¹⁸ conseguiram sobreviver intactos ao longo dos tempos, bem como sua *medicina*.¹⁹

4. No entanto, esta terceira possibilidade não impediu que alguns chineses abraçassem o que anteriormente delineamos acima como possibilidade 2, quando os colonizadores passaram a aceitar inquestionavelmente a superioridade da cultura do Colonizador. Esta versão aconteceu na história relativamente recente da China, quando o domínio Qing no século¹⁹ foi militar e politicamente fraco e sofreu grande humilhação nas mãos das potências ocidentais, especialmente dos britânicos que forçaram a venda de ópio na China, ironicamente em nome do livre comércio. Os britânicos enfrentavam um problema intolerável de balança de comercial; enquanto os britânicos importavam mercadorias chinesas em enormes quantidades, especialmente chá, seda (para não mencionar ruibarbo), os chineses não pareciam tentados a achar os produtos britânicos suficientemente fascinantes para querer comprá-los. Os britânicos, então, planejaram vender o ópio²⁰ à força

¹⁵ Havia muitas escolas *filosóficas*, mas duas podem ser mencionadas como exemplo aqui: *Rujia* 儒家/como é comumente chamado o Confucionismo e *Fajia* 法家/A Escola Legalista, como se poderia dizer, está nos extremos opostos do espectro *filosófico*. (Ver Lee 2021/em produção /DeGruyter para um relato da relação entre eles nos estudos de sinologia.)

¹⁶ A caligrafia deles foi muito valorizada.

¹⁷ Os príncipes Qing foram educados tanto em Manchu como em Han-Chinês. O imperador Qianlong se orgulhava de sua habilidade como calígrafo e poeta, em dois domínios da cultura Han quintessencial. (A documentação oficial estava em ambos os idiomas).

¹⁸ O imperador Yongzheng é um exemplo notável de um príncipe Qing que absorveu infalivelmente tal gosto em alguns aspectos das artes visuais. Embora seu reinado infelizmente tenha sido curto, de apenas treze anos, ele encomendou algumas das peças mais requintadas da história posterior da cerâmica chinesa do forno imperial em Jingdezhen 景德镇. Também é significativo que ele tenha escolhido não ser enterrado com seu pai, o imperador Kangxi e outros antepassados Manchu em Dongling 东陵, o Mausoléu Oriental, mas ser pioneiro de um novo site chamado Xiling 西陵, o Mausoléu Ocidental no condado Yi 易县 - para os chineses Han (aqueles colonizados pelos Manchus), o *Yijing* 《易经》/ *I Ching*)/*Livro das Mutações* foi um texto canônico fundacional de sua cultura e civilização e era considerado originário daquele condado. No entanto, o imperador Yongzheng, como seu pai antes dele e seu filho depois dele, conduziu inquisições literárias contra as elites Han, seus oficiais acadêmicos, embora ele não fosse avesso ao uso de oficiais Han fornecidos, eles satisfizeram seus critérios de eficiência e boa governança. Ao mesmo tempo, na busca implacável da eficiência e da eliminação de práticas corruptas, muitas de suas reformas também beneficiaram o povo comum, direta ou indiretamente. (Ver Mote 2003.) Nesse sentido, os Colonizados o respeitaram ao ponto de até mesmo ladrões de túmulos parecerem ter se absterido de roubar sua tumba - sua tumba é a única intacta entre todas as tumbas dos governantes Qing. Especula-se que entre os bens do túmulo poderiam ser encontradas algumas peças de arte requintadas. O governo de Pequim hoje não sente urgência em escavá-lo, mostrando assim também respeito pelo proprietário do túmulo morto há muito tempo.

¹⁹ Os textos canônicos da CCM-Zhongyi incluem: *Huangdi Neijing* 《黄帝内经》, 《神农本草经》 *Shennong bencao jing* e *Shanghanzabing lun*/ 《伤寒杂病论》. Entretanto, a *medicina chinesa/Zhongyi* como CCM-Zhongyi (em oposição à MTC-Zhongyi) considera *O Yijing*, um texto *Taojia* como um texto fundamental - ver Lee 2018, A CCM-Zhongyi é referida pelos próprios chineses ao longo dos séculos como *Yidaoyi* 易道医 - ou seja, é aquela *medicina* que encarna e incorpora a cosmologia/filosofia tanto do *Yijing* quanto de *Laozi* 《老子》.

²⁰ O ópio foi fabricado e processado a partir de sementes de papoula pelos britânicos na Índia. Esta mercadoria formou de 15 a 20% da receita da East India Company. Os britânicos anexaram o Sindh e outras partes do subcontinente indiano a fim de proteger o domínio monopolístico da East India Company sobre a produção de ópio. No final da década de 1830, os britânicos estavam vendendo cerca de 1.400 toneladas da mercadoria para a China. O Comissário Especial Imperial, Lin Zexu 林则徐,

como se fosse uma mercadoria - daí a infame Guerra do Ópio (1839-1842 e 1856-1860), que os chineses perderam, seguida pela assinatura dos direitos territoriais soberanos,²¹ incluindo a secessão da ilha de Hongkong perpetuamente para os britânicos no final da Primeira Guerra do Ópio.

Estes foram momentos traumáticos para a nação chinesa²² e sua psique; levaram as pessoas, especialmente as elites, a refletir sobre cada aspecto de sua própria história e cultura. De forma esmagadora, eles chegaram à conclusão de que a cultura chinesa precisava ser reformada e modernizada em todos os aspectos. O mantra da **Modernização** como caminho para a salvação, a partir de então, ficou gravado na consciência chinesa.²³

Obviamente, o exército chinês e sua coleção de embarcações navais provaram ser inúteis contra o poderio militar superior das potências ocidentais. E quanto à educação? Certamente, o velho aprendizado baseado nos²⁴ clássicos de Confúcio/Rujia 儒家 se provou irrelevante na nova era da Ciência Ocidental Moderna e sua Tecnologia. Alguns intelectuais até foram mais longe para identificar sua linguagem escrita como um grande entrave ao progresso, já que se trata de um roteiro não alfabético. Ninguém menos que Lu Xun 鲁迅 (1886-1936), um dos

escreveu à Rainha Vitória (mais tarde coroada Imperatriz da Índia em 1877), apontando a imoralidade de tal comércio: "Você não deseja que o ópio prejudique seu próprio país, mas escolhe trazer esse dano para outros países, como a China". Naturalmente, esta rejeição em nome da reciprocidade moral foi ignorada; Lin não obteve resposta do monarca britânico. (Ver Ames 2019).

²¹ O Tratado de Nanking, assinado em 29 de agosto de 1842, encerrando a Primeira Guerra do Ópio, não apenas abriu mais portos chineses para o comércio ocidental, mas também isentou muito significativamente os estrangeiros das leis chinesas.

²² Note que a história é dinâmica envolvendo processos de reagrupamento e mudança. Na época do século XIX, diante das potências imperiais ocidentais que vieram à China de longe com suas canhoneiras e sua "diplomacia" acompanhante, a divisão mais antiga entre os Manchus como Colonizador e os povos nativos (a maioria dos quais são comumente referidos como o povo Han, o povo cujos antepassados habitavam as planícies centrais, ao redor das duas grandes bacias hidrográficas, especialmente a do Rio Amarelo, que também se viam como os descendentes do Imperador Amarelo) enquanto os Colonizados deram lugar a um novo agrupamento com as potências ocidentais identificadas como O Colonizador (potências imperiais ocidentais) e o povo da China (Manchu, Han e outros) como O Colonizado.

²³ Esta não foi simplesmente a lição que os chineses tiraram de um confronto tão humilhante. Os japoneses acharam prudente modernizarem-se ao seu próprio ritmo e sob seus próprios termos, em vez de fazê-lo quando circunstâncias externas forçaram o processo, como aconteceu no caso de seu vizinho, a China. O Japão entrou no que os historiadores chamam de período de Restauração Meiji após a ascensão ao trono do jovem imperador Meiji em 1868. Os novos líderes políticos prosseguiram um extenso e intenso programa de reformas políticas, econômicas e militares em linha com o objetivo explícito de fazer as potências ocidentais aceitarem o Japão como um país igualitário. Em outras palavras, o Japão pretendia juntar-se ao clube do Colonizador para escapar do destino do Colonizado, um destino que se abateu sobre os chineses. Para citar algumas das línguas utilizadas: "Usar o bárbaro para controlar o bárbaro", "Enriquecer o país, fortalecer o exército". Outras formas de modernização envolveram a construção de uma rede ferroviária e de um moderno sistema educacional estabelecido em 1872. Uma missão de alto nível na Europa e na América voltou em 1873 com um relatório que defendia que o desenvolvimento econômico era uma base de poder indispensável. Para um breve mas sucinto relato, ver Beasley 1981-1982. Neste projeto de Modernização, o Japão se mostrou muito bem sucedido. Na verdade, ele desempenhou o papel de Colonizador na Ásia, levando à Segunda Guerra Mundial. Mesmo após sua derrota no final da Segunda Guerra Mundial, sua reputação no nível de "poder brando" permaneceu, embora não no nível de poder militar - por exemplo, o povo japonês na África do Sul do apartheid foi considerado como "brancos honrado", ao contrário do povo chinês.

²⁴ De agora em diante, o termo preferido deste estudo é *Rujia*; os seguidores de Confúcio, os *Ruístas* e Kongzi 孔子 (em vez da versão latinizada do nome, Confúcio).

gigantes intelectuais da China do século XX pensava que a latinização era o caminho a seguir.²⁵ Sua evidência parecia ter se baseado na observação de que as sociedades mais bem sucedidas que eram as ocidentais que utilizavam o alfabeto latino;²⁶ portanto, para ser bem sucedida e progressista, a língua chinesa deveria abandonar sua escrita tradicional e optar pela latinização. Além disso, essas sociedades ocidentais naquela época também tinham uma taxa de alfabetização mais alta do que na China. O alfabeto latino, afinal, tem apenas vinte e seis letras; uma vez dominado, parece que se pode aprender facilmente como as palavras são soletradas sem esforço em comparação com o aprendizado de caracteres/palavras chineses, que são muito mais complicados, mesmo que sejam modulares na construção.²⁷ Ele e outros estavam convencidos de que uma das principais, se não a única causa do atraso como nação e que impediu a China de se modernizar era sua língua escrita. Seu raciocínio era um tanto simplista e, portanto, enganoso, para dizer o mínimo, se não logicamente falho; mas naquela época, seus companheiros de elites que estavam tão desesperados quanto ele, achavam convincente.²⁸

O projeto de latinização não desapareceu com a morte de Lu Xun;²⁹ ele seguiu e foi uma questão espinhosa que levou ao estabelecimento da República Popular da China em 1949. A seriedade do assunto é refletida por uma conversa entre Mao Tse

²⁵ Lu Xun denunciou a escrita chinesa na língua mais enérgica possível. Em 1936, ele escreveu que se o sistema chinês de escrita não fosse destruído, a China certamente iria perecer: 汉字不灭, 中国必亡 *Hanzi bu mie, Zhongguo biwang*. In 《门外文谈》 / *An Outsider Chats about Scripts* - ver Mair 2002.

O projeto de latinização foi visto como um projeto nacionalista, atravessando a divisão política esquerda-direita. Os partidos liderados por Chiang Kai-shek e o de Mao Tse Tung o apoiaram.

²⁶ Grã-Bretanha, França, EUA (e antes na história moderna ocidental, Itália e Espanha) viriam à mente. Os russos também usavam um alfabeto, embora não o latim, mas o alfabeto cirílico; e dirigiam um poderoso império, como os espanhóis, os britânicos e os franceses.

²⁷ Ver Lee 2008, Parte II para detalhes.

²⁸ Por exemplo, ele e outros pareciam ter negligenciado o fato de que o idioma japonês usava três escritas diferentes, incluindo o Kanji, que é a escrita chinesa. As outras duas são escritas alfabéticas fonéticas, chamadas Hiragana e Katakana, com 46 letras cada um. Isto não impediu o Japão de emergir como uma potência moderna. As três escritas ainda hoje são usadas, às vezes com os três aparecendo em uma frase. Os japoneses parecem felizes com tal arranjo, embora, em princípio e tecnicamente, a escrita Kanji pudesse ser abandonado.

²⁹ Nem mesmo o processo de latinização começou com ele. Já em 1605, o jesuíta Matteo Ricci havia publicado um livro em Pequim usando o alfabeto latino principalmente para ensinar chinês aos estrangeiros (principalmente companheiros missionários, presumivelmente). Ele se chama 《西字奇迹》 *Xizi qiji* / *O Milagre das Letras Ocidentais*. Outro jesuíta na China, vinte anos depois, Nicolas Trigault, produziu um auxílio didático semelhante, baseado na publicação anterior de Ricci, chamado 《西儒耳目资》 *Xiru ermu zi* / *Auxílio aos Olhos e Ouvidos dos Literati Ocidentais*. O erudito oficial do final da dinastia Ming ao início da dinastia Qing, Fang Yizhi 方以智 (1611-1671) foi o verdadeiro precursor de Lu Xun, pois sua motivação foi também a de modernizar uma escrita que ele considerava demasiada pesada e complicada para o próprio bem da China. Ele expôs as falhas da escrita chinesa enquanto cantava os louvores da alfabetização ocidental, em seu 《通雅》 *Tong Ya*. (Veja Mair 2002.) Entretanto, a escrita *Pinyin* per se não resolveria nenhum problema sério de aprender chinês, pois há tantos discursos e dialetos regionais diferentes que um estrangeiro tendo aprendido um conjunto para um discurso regional específico teria que aprender outro conjunto de *Pinyin* para lidar com um discurso regional diferente. Em 1949, a RPC resolveu o problema que iludiu Qinshihuangdi (o Primeiro Imperador Qin) usando o discurso de Pequim como o Discurso Comum. As tentativas que o precederam pareciam não ter abordado este problema; na melhor das hipóteses, elas teriam uso e aplicação limitados e, portanto, teriam sido uma perda de tempo e esforço por parte do estudante, a menos que tivessem a intenção de permanecer nessa localização geográfico-linguística pelo resto de suas vidas.

Tung e o jornalista americano Edgar Snow, em 1936, sobre a necessidade de varrer seu passado feudal, incluindo seu roteiro escrito.³⁰ No entanto, as coisas acabaram ocorrendo de outra forma. A RPC teria abraçado a latinização, mas pelo fato de que o próprio Mao e muitos outros membros sêniores do Partido eram devotos da caligrafia chinesa; eles perceberam que a latinização poderia, a longo prazo, minar e até mesmo destruir esta forma de arte muito antiga.³¹ Assim, eles se abstiveram e introduziram outra reforma: modificar e simplificar os traços exigidos na escrita de um caractere/palavra. O roteiro modificado é chamado de *jianti* 简体 enquanto o chamado roteiro tradicional é chamado de *fanti* 繁体.³² Este último é, Cada vez mais, usado oficial e sistematicamente apenas em Taiwan;³³ a ONU decretou recentemente que o script chinês oficial é o *jianti* chinês. A latinização desempenha um papel menor na China em geral e a educação em particular na RPC; é chamada de *Pinyin* 拼音. Crianças pequenas são ensinadas a falar o que se chama *Putonghua* 普通话 / Discurso comum via *Pinyin*, e nomes de rua, por exemplo, aparecem também em *Pinyin* para permitir que os estrangeiros os leiam prontamente. Cerca de quarenta anos depois de 1949, ocorreu a revolução eletrônica; e como *Pinyin* já existia serviu como um meio prático e conveniente de inserir caracteres chineses em um computador.³⁴

Neste aspecto, os chineses, como nação, podem, coletivamente, suspirar com alívio, pois não precisam mais se preocupar com o fato de o país ser tolhido de sua forma aparentemente arcaica de escrita. Também neste ponto, os chineses não precisam mais sentir a necessidade de considerar seu sistema de escrita como inferior, falho de uma forma ou de outra, necessitando ser substituído por um sistema estrangeiro, como o alfabeto latino. Em outras palavras, sobre esta questão, eles não

³⁰ Snow relatou Mao como dizendo: "Os caracteres chineses são tão difíceis de aprender que mesmo o melhor sistema de caracteres rudimentares, ou ensino simplificado, não equipam o povo com um vocabulário realmente eficiente e rico". Mais cedo ou mais tarde, acreditamos, teremos que abandonar completamente os caracteres se quisermos criar uma nova cultura social na qual as massas participem plenamente".

³¹ Para os chineses, a caligrafia é a forma de arte mais elevada, mesmo acima da pintura.

³² Ninguém deve se exaltar com a distinção entre *fanti* e *jianti* e ficar obcecado com o mito de que o primeiro é verdadeiramente tradicional e antigo, enquanto o segundo é novo e não está enraizado na história. Na realidade, alguns caracteres/palavras *jianti* são simplesmente reversões para versões muito mais antigas, mais antigas do que as versões *fanti*, na verdade. Em outros casos, são versões encontradas em manuscritos de estudiosos de outras épocas - de fato, o comitê encarregado do projeto retirou muito dos manuscritos de ninguém menos do que o próprio Lu Xun. Para relatos desta complicada e complexa relação em inglês, veja, por exemplo, De Francis 1984, Curt 1991, Gu 2013, e Lee 2008.

³³ *Fanti* é oficialmente endossado em Hongkong e Macau, mas muitas pessoas não acham *jianti* muito difícil de lidar uma vez familiarizado com ele e vice-versa para as pessoas acostumadas a *jianti* com relação ao *fanti*. O contexto geralmente diz ao leitor como ler o caractere, seja como *jianti* ou como *fanti*. A informática tornou qualquer verificação muito fácil, pois há programas de software disponíveis gratuitamente online para conversão instantânea.

³⁴ Entretanto, isto não quer dizer que o *Pinyin* seja o único meio disponível. Existem outras técnicas que, uma vez dominadas, certamente podem até ser mais rápidas que o *Pinyin*. *Pinyin*, no entanto, tem a virtude de não exigir tanto investimento de tempo e esforço.

precisam mais desempenhar o papel de Colonizado.³⁵ Em vez disso, *Pinyin* se destaca como uma forma bem sucedida de lidar com os novos desafios colocados por um mundo em constante mudança sem comprometer a identidade e a integridade do sistema chinês de escrita com uma história de datação da Era Neolítica chinesa de acordo com as últimas descobertas acadêmicas chinesas.³⁶

A Era da Modernidade: Filosofia Ocidental Moderna e Ciência e Tecnologia (Ocidental) Moderna

Se uma data aproximada tiver que ser atribuída à Era da Modernidade, uma época conveniente e não arbitrária seria o século 17 na Europa Ocidental. Duas coisas (intimamente ligadas, embora não percebidas como tal) surgiram, a Filosofia Moderna, por um lado, e a Ciência Moderna, de outro. Na primeira, dois gigantes intelectuais vêm à mente: René Descartes (1596-1650) na França e Thomas Hobbes na Inglaterra (1588- 1679, publicando sua obra-prima *O Leviatã* em 1651). *O Leviatã* é comumente visto como uma obra de filosofia política; no entanto, também pode ser lido como um relato sistemático antecipado do que veio mais tarde a ser chamado de Positivismo.³⁷ O Positivismo, como uma filosofia substituiu o neo-aristotelianismo, a filosofia da Idade Medieval na Europa. Para simplificar, a filosofia medieval invocou todas as quatro causas de Aristóteles: formal, final, material e eficiente. O positivismo rejeitou duas e reteve apenas o material e o eficiente. As outras duas foram eliminados por serem ininteligíveis, obscurantistas

³⁵ Entretanto, é preciso lembrar que, embora os chineses nunca tenham sido oficialmente colonizados (ilha de Hongkong, à parte), isso não era oficial. Testemunhe o Tratado de Nanking/Nanjing e o Tratado de Versalhes que terminou a Primeira Guerra Mundial. Assim, a distinção conceitual entre Colonizador e Colonizado se aplica a ele.

³⁶ Desde o início do século XX, a academia chinesa havia identificado a escrita do final da dinastia Shang como sendo sua forma mais antiga de escrita. Esta escrita é chamada *Jiaguwen* 甲骨文/A escrita de Oráculo, usada nos ritos de adivinhação da dinastia Shang. As omoplatas de boi e as conchas de tartaruga com escrita inscrita nelas foram traçadas em um vilarejo chamado Xiaotun 小屯, no município de Anyang 安阳, na província de Henan 河南. Acontece que Anyang era uma capital da extinta dinastia Shang. Entretanto, à luz das novas descobertas desde então, a história da escrita chinesa poderia ser adiada para tempos muito anteriores, para o período Neolítico. Nos anos 80, arqueólogos descobriram trinta tumbas pertencentes a uma cultura neolítica tardia chamada Dawenkou 大汶口 Cultura (4500-2500 a.C.). Em alguns dos cacos de olaria era o que parecia ser escrita; os estudiosos finalmente conseguiram decifrar sete, o que demonstra que eles fazem parte de um sistema de escrita que precede *Jiaguwen*, o antepassado da escrita Shang. Em março de 2003, estudiosos do Instituto de Pesquisa de Gansu estudando um pote Neolítico pintado concluíram que as sete marcas nele estavam de fato sete maneiras diferentes de escrever o mesmo caractere/palavra. Então em 2007, após cerca de vinte anos de estudo, os estudiosos publicaram sua investigação sobre uma descoberta na província de Ningxia 宁夏 de algumas esculturas rupestres em um enorme site chamado Damaidi/大麦迪. Eles revelaram que estavam convencidos de que essas esculturas não eram meros rabiscos, mas que cerca de duas mil marcas são na verdade caracteres/palavras - o que impressionou os estudiosos acima de tudo foi que eles parecem não ser símbolos isolados, mas sim sistemáticos. Se sua interpretação sobreviver a um exame crítico a longo prazo, isto significaria que o sistema de escrita chinês poderia ser datado entre sete e oito mil anos atrás, colocando de volta o início dessa escrita cerca de três mil anos antes das datas de outros textos e inscrições conhecidas. Isso também significaria que a escrita chinesa não só seria a mais antiga em uso contínuo, mas também a mais antiga da história das civilizações humanas, com aproximadamente oito mil anos de idade. Ver Lee 2008, Parte II.

³⁷ Ver Lee 1989, Capítulos Dois e Três.

e mais tarde passaram a ser chamadas de metafísicas (no sentido abusivo do termo como usado pela versão do século 20 da filosofia Positivista, o Positivismo Lógico do Círculo de Viena³⁸). Tomemos o seguinte fenômeno - como uma pedra cai de uma altura, ela parece cair cada vez mais rápido. A Física Medieval, sustentada pela Filosofia Medieval, explicou o fenômeno assim: cada objeto tem sua própria casa natural. O lar natural de coisas como a pedra é a Terra. À medida que a pedra cai pelo ar, ela vai se aproximando cada vez mais do lar. Um ser humano que esteve longe de casa em uma longa jornada se sente cada vez mais feliz com a perspectiva de ver seus entes queridos novamente e, portanto, correria cada vez mais rápido à medida que se aproximava de seu lar cada vez mais próximo. Tal explicação depende da causa final, do propósito, do objetivo da atividade. Do ponto de vista da Física Moderna desde as Leis do Movimento de Newton, tal explicação parece estranha. A física moderna é de caráter quantitativo e não tem nada a ver com causas formais e finais. A Física Moderna é a "rainha" da Ciência, todas as alegações anteriores de ser e fazer Ciência são rotuladas como pseudociência. A ciência moderna superou o estágio metafísico de acordo com a lei de desenvolvimento de Comte. Ela está firmemente calcada no reino do quantitativo e do mensurável, apenas de causas materiais e eficientes.

Embora a Ciência Moderna tenha chegado à Europa Ocidental no século XVII, não é de modo algum o caso que a Tecnologia derivada da Ciência (do tipo que todos nós conhecemos hoje em dia, como a Biotecnologia) tenha seguido imediatamente na esteira das descobertas fundamentais da Ciência Ocidental Moderna. Havia uma lacuna; essa lacuna, no entanto, foi preenchida nos estágios iniciais por um fenômeno muito estranho (estranho para os leitores de hoje), não tanto da Ciência Básica impulsionando a Tecnologia, mas do que pode ser chamado de Tecnologia Baseada na Manufatura levando a descobertas na Ciência Básica.³⁹ Um exemplo disso é o motor que impulsionava as bombas de sucção usadas para evitar inundações em minas profundas; o mesmo motor posteriormente impulsionou trens e fez os navios navegarem em alto mar, e foi o motor da Segunda Revolução Industrial no Reino Unido/no mundo.

A tecnologia moderna, mesmo quando inicialmente baseada na manufatura e não na ciência, representava um novo desafio para a China, alimentando sua ansiedade sobre a modernização para que ela não fosse humilhada, deixada para trás e colonizada. Assim, a sombra escura do Colonizado pairava desde as Guerras do

³⁸ Na história do Positivismo, entre Hobbes e o Círculo de Viena existiu o trabalho de outro francês, Auguste Comte (*Cours de philosophie positive*, 1830-1842). Comte, como todos os positivistas, estava preocupado em encontrar critérios para distinguir o conhecimento científico do não científico, bem como do pseudocientífico. No *Cours*, ele anunciou que havia descoberto uma lei fundamental universal que regia o desenvolvimento da mente humana, tanto no nível da espécie humana quanto no nível do indivíduo. "Esta lei dita que cada uma de nossas principais concepções, cada ramo de nosso conhecimento, passa sucessivamente por três diferentes estados teóricos: o teológico ou fictício, o metafísico ou abstrato, e o científico ou positivo" (Andreski 1974, 20). Em outras palavras, o científico é o mais avançado na evolução humana.

³⁹ Ver Lee 2005 para detalhes sobre a distinção entre Tecnologia derivada da Ciência e Tecnologia baseada na Manufatura, bem como a relação entre a primeira e as descobertas científicas básicas a partir do ponto de vista da filosofia da ciência.

Ópio. No final da Segunda Guerra do Ópio, ao negociar a rendição aos britânicos e franceses, outra humilhação suprema foi infligida à nação. Estas tropas em 1860, lideradas por Lord Elgin, em retaliação a alguns membros da delegação oficial britânica que estavam sendo torturados e mortos pelos chineses, continuaram a saquear e queimar *Yuanmingyuan* 圆明园 (o chamado Palácio Velho de Verão), a cerca de oito quilômetros de Pequim/Beijing.⁴⁰

É preciso modernizar-se ou se perecerá ou será humilhado. A modernização mais do que nunca se tornava uma obsessão. O novo conhecimento deve suplantiar o velho - o novo conhecimento era o Conhecimento Científico, o tipo de conhecimento que os ocidentais possuíam, não o conhecimento que se absorveu através dos Quatro Livros e Cinco Clássicos 四书五经 /*Sishu Wujing*.

Seguindo não muito atrás das canhoneiras e do poderio militar estavam os missionários cristãos que estavam interessados em salvar as almas dos chineses, convertendo-os em sua única e verdadeira fé. Estes adotaram uma estratégia diferente daquela usadas pelos primeiros missionários na dinastia Ming. Jesuítas, como Matteo Ricci (1552 - 1610), que fizeram o melhor para converter o imperador Ming Wanli (r.1572 - 1620), esperavam uma repetição do sucesso quando os missionários converteram Constantino ao cristianismo em 312 d.C. e depois através do Édito de Milão em 313 d.C. legitimaram a aceitação do cristianismo em seu império. Infelizmente, Ricci achou Wanli imune aos apelos de tal fé, apesar dos jesuítas trazerem muitas engenhocas inovadoras para impressioná-lo e tentá-lo e apesar do fato de que a corte de Wanli queria aprender seus conhecimentos matemáticos e astronômicos.⁴¹ Desta vez no século XIX, os missionários não eram católicos, mas eram principalmente protestantes (da Grã-Bretanha e dos EUA). Eles trouxeram com eles algo mais impressionante do que aparelhos e até mesmo conhecimentos matemáticos e astronômicos. Desta vez trouxeram consigo a medicina ocidental, seus poderes para curar, curar doenças, salvar vidas. Pelo menos, essa foi a mensagem que eles propagaram com sucesso para aqueles que esperavam converter, mas como veremos daqui a pouco, a verdade sobre a Medicina Ocidental

⁴⁰ Tão vasto era o terreno e o complexo de edifícios que levou três dias e exigiu quatro mil homens para ser vandalizado, incendiado e destruído em 1860 durante a Segunda Guerra do Ópio. Quando a queima e a destruição terminaram, as tropas britânicas e francesas fizeram com que uma inscrição em chinês fosse colocada, dizendo "Esta é a recompensa pela perfídia e crueldade" - ver Hernon 2003. O Imperador Dowager Cixi 慈禧 fez esforços para restaurá-lo, mas em 1900 o lugar foi novamente incendiado durante a Rebelião Boxer pelas tropas ocidentais, deixando-o em total ruína - ver Bowlby 2015.

Em um cenário imaginado, o saque de Yuanmingyuan poderia ser considerado equivalente à queima e saque [no Reino Unido](#) do Palácio de Buckingham e Whitehall pelas tropas estrangeiras residentes no país. Diz-se que o Palácio de Buckingham contém muitos tesouros artísticos; os inúmeros tesouros artísticos em Yuanmingyuan foram saqueados pelas tropas britânicas e francesas como parte do saque ou destruídos durante o saque. Alguns desses artefatos ainda podem estar nos sótãos de alguns dos descendentes dessas tropas ou em museus no Ocidente que os compraram, sabendo ou não que eram mercadorias saqueadas. Ocasionalmente, alguns itens notáveis apareciam em um leilão, em casas de leilão respeitáveis em Paris, Londres e assim por diante - ver BBC News 02/03/2009; *Global Times* 19/12/2018.

⁴¹ Ricci é um exemplo de Colonizador que se tornou nativo - ele nunca deixou a China, viveu lá por vinte e oito anos, morreu e foi enterrado em Pequim, em um lote concedido a ele pelo imperador Wanli. Este cemitério no distrito de Haidan da cidade contém hoje oitenta e oito sepulturas de missionários jesuítas. Segundo o protocolo Ming, os estrangeiros não poderiam ser enterrados em solo chinês continental, mas na melhor das hipóteses em Macau ou repatriados. O próprio Ricci queria ser enterrado em Pequim; dada sua contribuição na promoção do intercâmbio intercultural, foi feita uma exceção em seu caso.

da época foi algo menos que milagroso em salvar vidas. As missões médicas se estabeleceram durante o século ^{XIX}, abrindo clínicas e hospitais, fornecendo treinamento tanto para enfermeiros⁴² como para médicos.

Em uma reviravolta irônica absoluta da história, esses mesmos médicos missionários ofereceram tratamento e cura aos viciados em ópio, as próprias vítimas do comércio do ópio impingidas aos nativos por seus próprios governos. A reviravolta é ainda mais interessante porque sua cura consistiu em dar aos pacientes pílulas de morfina que ficaram conhecidas como "Ópio de Jesus", uma vez que eram distribuídas pelos médicos missionários!⁴³ No entanto, as mentes de alguns chineses eram tão colonizadas que pareciam não ter notado que o tratamento e a cura oferecidos aos viciados em ópio pelos médicos missionários eram, no mínimo, bizarros.⁴⁴ Em qualquer caso, muitas das elites chinesas, bem como pessoas comuns, já tinham se tornado viciadas no estilo de vida de fumantes de ópio (ver Zheng 2005) e seus cérebros foram emburrecidos pela droga.

Sob as circunstâncias às quais o país havia sido reduzido, era fácil aceitar sem críticas que qualquer coisa vinda do Ocidente deve ser considerada superior, independentemente do mérito. Este era o impulso supremo por trás da necessidade da Modernização. O Colonizado poderia ter um sistema de *medicina* com uma história de mais de dois mil anos, mas diante do altar da Modernização, ele deve ser denunciado como falho e a medicina estrangeira deve ser sacralizada.

De meados do século 19 a meados do século 20, qual era na realidade o estado do MOM (hoje chamado de Bm)? O que esta medicina podia curar? Em poucas palavras, se a verdade for dita, muito pouco. Uma história muito breve dessa medicina tornará o ponto óbvio. Para evitar mal-entendidos imediatos sobre a natureza desta afirmação, é preciso distinguir imediatamente entre Medicina Clínica, por um lado, e Epidemiologia, por outro. Como estes dois domínios da medicina

⁴² A enfermagem moderna é atribuída a Florence Nightingale, especialmente por seu trabalho durante a Guerra da Crimeia (que eclodiu no final de 1853) onde seus esforços para melhorar as condições sanitárias do hospital para o qual os soldados feridos foram enviados em Constantinopla (Istambul, hoje) reduziram em dois terços a taxa de mortalidade dos detentos. Em 1860, ela usou sua fortuna familiar privada para financiar o estabelecimento do St. Thomas' Hospital em Londres e, dentro dele, a Escola Nightingale de Treinamento de Enfermeiros. Mas estas conquistas se enquadram mais na Epidemiologia do que na [Medicina Clínica](#).

⁴³ Este medicamento também foi vendido nos EUA até 1906, quando o US Food and Drug Act ordenou que os ingredientes das pílulas fossem tornados transparentes e proibidos por causa da falsa alegação de cura feita em seu nome. A morfina foi isolada do ópio em 1805 e depois tocada como cura para o vício do ópio - ver St. James 2017; Morphine as a Cure for Opium Addiction 2020; Understanding Morphine 2020. O Colonizado pode ter ficado impressionado, consciente ou inconscientemente, com o isolamento da morfina do ópio como um feito que somente a química e a farmacologia do Colonizador poderiam realizar.

⁴⁴ O ópio em suas diversas formas era usado como droga para curar doenças na Grã-Bretanha vitoriana - por exemplo, era usado para tratar a asma. Entretanto, fiel ao espírito de classe da sociedade britânica, os comprimidos de ópio eram revestidos com verniz para as classes trabalhadoras, prata para os ricos e ouro para os muito ricos. Além disso, naquela época, os viciados em ópio eram desmamados com heroína (hoje, a droga de escolha é a metadona). Veja Crane 2011. A heroína é um derivado mais refinado da resina da papoula do que a morfina; ambas são altamente viciantes. O fato de os missionários oferecerem aos viciados em ópio, comprimidos de morfina, não foi, portanto, surpreendente, dada a prática naquela época. Entretanto, sua crença sobre a causa da drogadição deve ter parecido estranha aos chineses viciados em ópio, pois estes evangelistas cristãos sustentavam que o vício é um pecado, como o pecado original, ligado à história bíblica de Adão e Eva. Por isso, eles chamaram suas pílulas de morfina de "Jesus opium".

estão inseridos em esquemas filosóficos e causais muito diferentes, suas trajetórias se desenvolveram de forma diferente e devem ser avaliadas de forma diferente. Entretanto, por enquanto, vamos nos concentrar no que a Medicina Clínica tinha a oferecer aos pacientes que visitaram seus médicos em meados do século 19, nas terras natais destes médicos missionários que estavam distribuindo o "Ópio de Jesus" na China. Como médicos de todos os lugares, eles procuravam por sintomas e sinais. Eles perguntavam aos pacientes sobre como se sentiam; onde estava a dor ou o desânimo; quão profundamente sentida era a dor e assim por diante (averiguando os sintomas). Eles também observaram os pacientes sobre como eles andavam (muito lentamente ou a um ritmo de acordo com sua idade); como eles se aparentavam (pálidos, corados na tez); se eles mostravam caroços e lesões em partes de seu corpo; se eles falavam com uma voz robusta ou se conseguiam apenas sussurrar, se ofegavam para respirar; se o ar exalado da respiração cheirava mal, e assim por diante (verificando sinais).⁴⁵ Eles sentiam o pulso para descobrir o ritmo do batimento cardíaco.⁴⁶ Embora o estetoscópio tenha sido inventado em 1816 na França, uma versão prática não se tornou disponível até 1851. Os médicos missionários enviados à China em meados do século XIX poderiam estar equipados com um aparelho tão avançado, embora isso fosse improvável, pois o novo equipamento não entrou na prática médica convencional com certeza.⁴⁷

Entretanto, esses médicos missionários foram se qualificado como médicos em sua pátria. Em que consistia sua educação médica, teoria e prática médica? O leigo pode se surpreender ao saber que o tratamento mais comum usado na época era baseado em uma teoria médica ultrapassada. Este tratamento era a sangria. Se fazia com o médico usando uma pequena faca, uma lanceta,⁴⁸ para abrir uma veia da qual se retirava sangue. Esta técnica era tão onipresente e duradoura que, já em 1911, *The Lancet* trazia um artigo intitulado "Casos que ilustram os usos da sangria". De fato, já em 1923, Sir William Osler, na edição daquele ano de sua obra *Princípios e Prática da Medicina* (publicada pela primeira vez em 1892 e que durante quarenta anos foi o livro-texto padrão da CM), deu preferência à sangria como terapia. Esta panaceia foi usada para tratar uma gama realmente extensa de condições, de fato todo tipo de doença; em ordem alfabética, incluía acne, asma, diabetes, febre, gota, envenenamento (inclusive por monóxido de carbono e gás mostarda sofrido pelas vítimas de tais ataques nas trincheiras da Primeira Guerra Mundial em 1916), e muitas outras. Além disso, também foi utilizado como um regime geral para manter

⁴⁵ Afetaria os leitores familiarizados com a CCM-Zhongyi de qualquer forma que os profissionais da *medicina* não fizessem nada tão diferente do que os médicos da Europa Ocidental e dos EUA estavam fazendo - para detalhes de como os profissionais do CCM-Zhongyi diagnosticam e tratam os pacientes, ver Lee 2018, Capítulo 8 (em particular).

⁴⁶ No entanto, este pulso não deve ser confundido com o *mai* 脉 que o médico chinês sente; *mai* não deve ser traduzido como "pulso" - ver Lee 2018, Capítulo 5.

⁴⁷ Pelo menos este autor não localizou até agora uma fonte para dizer que os médicos missionários na China os tinham.

⁴⁸ É por isso que uma publicação médica líder no mundo é chamada *The Lancet*.

a saúde e a longevidade. Duas personalidades famosas mortas pelo uso excessivo de sangria foram George Washington e o Rei Charles II. O presidente americano foi morto por seus médicos em 1799 - ver Moerman 2002. Anteriormente, o monarca britânico também morreu às mãos de seus médicos que prescreveram uma série implacável de tratamentos combinando sangue e eméticos - ver Evans 2004.

Outra técnica utilizada, também relacionada ao sangue, era o uso do sanguessuga - aqui, o sangue não era removido diretamente através do corte de uma veia com uma lanceta, mas era sugado do paciente por sanguessugas.⁴⁹ Estes tratamentos foram reconhecidos como ineficazes (de acordo com as melhores evidências disponíveis na época), mas ainda assim foram prescritos. Perguntou-se por quê. Uma possível explicação poderia ser que os médicos não poderiam simplesmente deixar os pacientes irem embora de mãos vazias, pois isso seria muito desmoralizante tanto para os pacientes quanto para os médicos. Quem sabe se os médicos missionários que receitaram o mesmo para seus pacientes chineses, incluindo "Jesus ópio", o fizeram pela mesma razão? O contexto missionário proporcionou um incentivo adicional - os pacientes que foram confortados pelo tratamento receitado a eles por esses estrangeiros não tinham que pagar consulta nem taxas de tratamento, enquanto que se tivessem ido a um médico *Zhongyi*, teriam que pagar uma pequena taxa além de comprar os remédios⁵⁰ prescritos como tratamento. Os médicos missionários e suas atividades seriam pagos pelas doações de companheiros crentes que esperavam não apenas salvar o corpo dos pacientes, mas principalmente sua alma através deste gesto de generosidade.⁵¹

Não apenas os tratamentos mencionados acima eram conhecidos por serem ineficazes, como já foi apontado, mas também foi reconhecido que eles incorporavam teorias ultrapassadas e, portanto, não-científicas. Elas se baseavam na teoria humoral da medicina cuja origem pode ser traçada até os tempos de Hipócrates (ca. 460-370 a.C.) e de Galeno três séculos mais tarde, que só foi finalmente aposentada no final do século XIX (Ver Wootton 2006). Dizia-se que o corpo humano tinha quatro humores - estes eram a bÍlis preta, a bÍlis amarela, a fleuma e o sangue, correspondendo cada humor a um dos quatro temperamentos, o sangüíneo (sangue), o colérico (bÍlis amarela), o melancólico (bÍlis preta), o fleumático (fleuma). Se estes humores fossem equilibrados, a pessoa estaria saudável; um desequilíbrio levaria a doenças. Como a teoria humoral sustentava que os quatro humores eram encontrados no sangue, seguiu-se que para obter um

⁴⁹ Os franceses favoreceram tanto a sanguessuga que, no século XIX não tinham mais o animal e tiveram de importá-la da Turquia, aumentando de apenas 100.000 em 1824 para 33 milhões em 1827; por sua vez, a Inglaterra importou seis milhões da França. A demanda por sanguessugas era igualmente forte no resto da Europa - ver Duke 1991.

⁵⁰ Este estudo usa o termo "medicamentos" para se referir aos ingredientes que podem compor uma receita particular no tratamento *Zhongyi*. Embora *Zhongyi* seja comumente chamado no Ocidente de "medicamento fitoterápico", isto não é estritamente correto. As plantas predominam, mas também são utilizados animais e suas partes, assim como minerais.

⁵¹ Alguns pobres convertidos ao cristianismo eram os "cristãos do arroz" que olhavam para os missionários em busca de qualquer alívio econômico que os rendessem.

equilíbrio adequado entre eles, seria necessário que qualquer excesso fosse drenado por sangria venosa. A história da ciência e da medicina moderna nos diz que Harvey descobriu a circulação do sangue através do coração como uma bomba em 1628; que o oxigênio foi descoberto em 1775; que a hemoglobina (a molécula de proteína que transporta oxigênio no sangue dando-lhe sua cor vermelha) foi descoberta em 1840.⁵²Essa história também nos diz que Harvey mostrou que o que corria através das artérias e veias era a mesma substância, exceto que o sangue arterial carregava oxigênio e o sangue venoso não. No entanto, apesar de tal conhecimento, os médicos que praticavam a sangria acreditavam em deixar o sangue venoso curar a condição/doença enquanto sustentavam que deixar toxinas circulando no sangue arterial causaria danos e deveria ser evitado a qualquer custo.

Este breve levantamento histórico da educação médica, teoria e prática mostra que os médicos missionários, a rigor, tinham pouco a oferecer aos seus pacientes chineses em termos de tratamentos e curas. O que gerava apelo aos chineses não podia, portanto, ser a eficácia de seu tratamento; talvez o que mais chamava atenção deles era o poder militar e econômico dos países aos quais eles pertenciam. Tal situação ocorreu em outros domínios, como a medicina, fazendo com que os chineses desempenhassem o papel dos colonizados, colocando a medicina estrangeira em um pedestal e desclassificando ou até mesmo desacreditando do seu próprio sistema de *medicina*. Isso fez com que parte da elite Colonizada sentisse que *Zhongyi* estava tão abaixo do padrão que deveria ser eliminada totalmente ou de forma menos drástica, que deveria ser modernizado e posta em prática.

Para resumir a discussão até agora apresentada, os chineses pareciam ter identificado pelo menos dois, se não mais, domínios de sua cultura que encarnavam o atraso: seu sistema de escrita que deve ser substituído pela latinização e seu sistema de *medicina*. Em meados do século XX, o grito de Modernização sob a forma de latinização da língua escrita parecia ter sido abafado definitivamente, como vimos; mas, o apelo de Modernização no domínio da *medicina*, no entanto, foi proposto repetidas vezes até os dias de hoje, como veremos mais adiante. Com cada avanço na MOM/Bm, a Mente Colonial volta a criar pressão para exigir que a MCC-Zhongyi se modernize para que sua existência seja tolerada.

A medicina moderna ocidental/biomedicina como medicina clínica para o Colonizado: Essa ideia pode ser eliminada?

Para que esta narrativa sobre Mentalidade Colonial se desdobre em relação à medicina, é preciso retomar a história dos desenvolvimentos da MOM/Bm do final do século ¹⁹ até meados do século 20 na Europa e nos EUA. Nosso estudo até agora revelou que a MOM por meio da medicina clínica não tinha muito a mostrar, tanto

⁵² A descoberta é atribuída a um bioquímico alemão, Friedrich Ludwig Hunefeld.

no que diz respeito à teoria quanto à terapia. O grande e espetacular avanço na teorização médica envolve o trabalho do francês Louis Pasteur (1822-1895) e do alemão Robert Koch (1843-1910), que introduziu a Era da Bacteriologia. Sua descoberta de germes como agentes causadores de doenças, suplantou a teoria humoral e a teoria do miasma causador das doenças. Sua descoberta de organismos microbianos causadores de doenças teria colocado a Medicina Científica finalmente em uma base segura. Entretanto, esta história de descoberta, por mais heroica que seja, não produziu nenhum impacto no nível da Medicina Clínica, em termos de tratamentos eficazes para pacientes individuais. Isso perdurou por mais de sessenta anos depois e somente mudou no final da Segunda Guerra Mundial, quando o australiano Howard Florey (1898-1968) e a Berlin-born Ernst Chain (1906-1979) conseguiram produzir em massa penicilina até 1943, depois de tê-la isolado e purificado com sucesso. A penicilina, um antibiótico, foi descoberta acidentalmente pelo escocês Alexander Fleming (1881-1955) em 1928. A chamada "bala de prata" com a qual Bm está associada nasceu, estritamente falando, após a Segunda Guerra Mundial.⁵³

Tal avanço preocupou ainda mais algumas das elites chinesas quanto ao atraso da *Zhongyi* em comparação com a MMW e suas espetaculares descobertas científicas. Eles ficaram tão hipnotizados que não perceberam que MMW e *Zhongyi* compartilham muitos pontos em comum entre eles, apesar de suas diferenças.

Na história da Ciência Ocidental Moderna, existe uma obsessão por parte de alguns cientistas chamada "Inveja Física". Esta obsessão levou todas as outras ciências a aspirar ao nível de cientificidade alcançado pela física e sustenta-se que a física não é meramente explicativa, mas é também capaz, em termos de suas leis, de fazer previsões muito precisas que são mensuráveis e quantificáveis. A biologia, em particular, sentiu-se muito vulnerável, mesmo à luz da teoria da evolução de Darwin, infelizmente, essa teoria, embora capaz de explicar fenômenos, parece totalmente incapaz de fazer previsões precisas da forma como a física pode fazer e faz.

Pode-se dizer que a "inveja da ciência ocidental" tem alimentado a ansiedade e a urgência da Modernização com as elites chinesas. Algumas dessas elites, mesmo no final da primeira década do século²¹, não importa mais cedo durante a última, ficaram tão agitadas pela existência e/ou tolerância à *Zhongyi* (incluindo até mesmo a moderna MTC) que se envolveram em um ataque polêmico contra a *medicina*. De acordo com Gu 2013, 136, isto foi conduzido principalmente online,

⁵³ Infelizmente, a imagem desta "bala mágica" tem sido prejudicada ultimamente pelo uso excessivo de antibióticos não apenas na [medicina clínica](#), mas também na criação comercial-industrializada de animais, levando ao surgimento de microrganismos super-resistentes a antibióticos.

Para evitar mal-entendidos, deve-se ressaltar que algumas drogas (não antibióticos) estavam disponíveis para a [Medicina Clínica](#) antes do final da Segunda Guerra Mundial, como a aspirina (desde 1897 como droga de massa) e o salvarsan (desde o início da década de 1910, uma droga à base de arsênico para o tratamento da sífilis). Paul Ehrlich, o inventor da última, usou o termo "bala mágica" para descrevê-la; entretanto, a droga tinha desvantagens em sua aplicação. Assim, o manto de ser a verdadeira "bala mágica" foi colocado mais tarde nos antibióticos, pois estes poderiam curar qualquer doença causada por bactérias, não apenas uma doença designada, como a cólera. Além disso, eles estão disponíveis principalmente como pílulas que podem ser facilmente ingeridas.

embora um livro tenha aparecido em 2007 ⁵⁴ detalhando a campanha para aboli-la, pedindo às pessoas que pedissem ao governo para retirá-la do currículo médico chinês, bem como para privá-la de outras formas de apoio. Zhang Gongyao escreveu um artigo "Adeus à Medicina Tradicional Chinesa" em *Medicine and Philosophy*, 4, 2006, (citado por Gu 2013), ⁵⁵ onde afirma:

Posso dizer responsabilmente que a medicina tradicional chinesa não é uma cultura positiva nem um tipo de ciência; ela não se qualifica nem mesmo como uma "pseudociência". Ao contrário, é uma fraude cuidadosamente projetada por antigos estudiosos chineses que reprovaram nos exames do serviço civil e exploraram a mentalidade fragilizada de pessoas doentes em busca da cura.

Gu 2013, 136 justamente deprecia e ridiculariza tal campanha com as seguintes palavras:

A campanha é típica daqueles cujas mentes foram colonizadas pela epistemologia ideológica da produção ocidental. Eles acreditam firmemente que o que não pode ser contabilizado pela ciência ocidental não é científico e deve ser rejeitado por não ter valor. Como a medicina chinesa é baseada em um sistema teórico totalmente diferente do da medicina ocidental, e como sua eficácia clínica não pode ser explicada pela teoria médica ocidental, eles têm boas razões para rejeitá-la como "falsa ciência" e "charlatanismo". O que precisa ser mencionado é que seu ataque representa o reacender de um velho debate sobre a medicina tradicional chinesa alimentado pelos muitos estudiosos chineses da década de 1930 que tentaram empregar o poder do governo para abolir a medicina tradicional chinesa na sociedade chinesa. É desnecessário dizer que sua tentativa fracassou completamente. De maneira semelhante, a recente campanha para abolir a medicina tradicional chinesa foi ainda pior e terminou com uma ampla ridicularização e condenação.

Na linguagem de Gu 2013, um ataque tão desorientado sofre de "Sinologismo" e seu processo relacionado de "Sinologização". Gu e este autor estão de acordo com a natureza equivocada de tal empreendimento, mesmo que este autor use uma linguagem diferente para criticá-lo.⁵⁶ Ele elabora as duas noções da seguinte forma:

Pode-se encontrar nestas observações uma nota distinta de sinologismo intelectual, pois pode-se ouvir uma voz alta e clara: que os resultados dos estudiosos chineses não contam e devem ser autenticados e aprovados pelos estudiosos ocidentais, que são os últimos árbitros. (p172)

⁵⁴ *Críticas à Medicina Tradicional Chinesa*. Pequim: Concord Medical University Press (como citado por Gu).

A Covid-19 provocou uma onda de apoio à *Zhongyi*, assim como críticas a ela por ser não-científica. Desta vez, o campeão da *Zhongyi* (como MTC-Zhongyi) acaba sendo o governo da RPC liderado por Xi Jinping (ver *The Guardian* 03/06/2020); para um relato crítico, ver Cyranoski (maio) 2020b.

⁵⁵ Este autor só veio ler Gu 2013 quando todas as reflexões e escritos básicos deste capítulo e o livro que o contém foram concluídos e, portanto, não teve a oportunidade de se beneficiar dele logo no início do projeto. Entretanto, este autor se beneficiou da alegria de ter descoberto que um colega estudioso compartilha uma orientação semelhante.

⁵⁶ O projeto deste livro em minar e tentar eliminar A Mentalidade Colonial também é semelhante ao de Karchmer 2015, 2017, demandando que A Mente Colonizada se "descolonize" por si só.

Sinologização é uma institucionalização não declarada mas tacitamente administrada das formas de observação da China a partir da perspectiva da epistemologia ocidental que rejeita enxergar a China em seus próprios termos, fazendo pesquisas sobre materiais chineses e produzindo conhecimento sobre a civilização chinesa usando termos de metodologia ocidental que tendem a desconsiderar as condições reais da China e reduzir a complexidade da civilização chinesa em padrões simplistas de desenvolvimento modelados naqueles do Ocidente. ... A des-sinologização é a desinstitucionalização consciente das formas sinologistas de observar a China e de fazer pesquisas acadêmicas sobre assuntos chineses. Ela envolve dois aspectos principais: um relativo aos estudiosos chineses, o outro relativo aos estudiosos não-chineses. A descolonização para os estudiosos chineses é estar ciente dos inconvenientes e deficiências das formas sinologistas de se fazer erudição, reconhecer os limites e limitações dos conceitos e conceptualizações ocidentais, superar uma fé cega na eficácia das teorias ocidentais e rejeitar conscientemente o hábito intelectual de se fazer erudição em termos dos modelos e metodologias específicas da cultura do Ocidente. Em última análise, é um processo de emancipação intelectual de uma mente acorrentada pela percepção, concepção e generalização ocidentais, uma restauração espiritual da fé nas próprias habilidades e poder criativo, e uma ressuscitação do próprio zelo pela criação original. A des-sinologização para estudiosos não chineses é ter uma clara consciência da inevitável subjetividade da perspectiva de observar a China, estar em guarda contra a prática de estudar questões chinesas usando termos ocidentais, e esforçar-se para produzir conhecimento material acadêmico sobre a China da maneira mais objetiva e científica possível. (pp219-220)

Para dissipar a baixa auto-estima e a sensação de inferioridade entranhada na consciência dos colonizados, é preciso desmamar essas pessoas ne oferecer uma nova orientação que tem dois aspectos:

- (a) Negativamente, para evitar cometer o Essencialismo do Método e seu erro de categoria associado (ou nas palavras de Gu 2013 abandonar o Sinologismo e Sinologização).
- (b) Positivamente, aderir ao que pode ser chamado de Axioma de Respeito à Identidade e Integridade da Outra Medicina.

Isso lhes permitiria ver que o MCC-Zhongyi é tão válida quanto Bm, mas cada um dentro de seu próprio contexto - são sistemas de medicina/medicina muito diferentes, mas igualmente válidos. Cada um tem sua própria teoria, seu próprio conjunto de terapias relacionadas, seu próprio procedimento para diagnosticar e tratar doenças, seu próprio método de avaliar o sucesso e o fracasso com relação às suas terapias. Cada um tem seus próprios pontos fortes e seus próprios pontos fracos. No entanto, apesar destas diferenças, existem pontos em comum. Desta forma, é possível interagir com o Outro Médico de forma respeitosa e frutífera.

Que pontos em comum podem ser considerados entre os dois sistemas? Por mais banais que estes possam aparecer quando soletrados, tudo isso é necessário. Seus pontos em comum decorrem do simples fato de que são sistemas de

medicina/medicina. Qualquer medicina/medicina sistemática que afirma ser científica, subscreve o seguinte:

1. A condição/doença é um fenômeno natural; não tem nada a ver com entidades sobrenaturais chamadas Demônios ou Deuses que punem os seres humanos por terem pecado ou desobedecido suas ordens.⁵⁷ Como tal, ela tem causas naturais.
2. Pacientes são pessoas que sofrem de uma condição que lhes causa desconforto/dor/ morte potencial, que procuram ajuda de profissionais.
3. O objetivo da Medicina/Medicina é diminuir o desconforto/dores dos pacientes, mesmo que não possa curá-los em termos absolutos de seu sofrimento.
4. A melhoria ou cura implica que se deve usar um procedimento diagnóstico para determinar o que poderia ter levado ao sofrimento.
5. Os pacientes são solicitados a relatar seus sintomas. (Os sintomas são relatos subjetivos sobre si mesmos, não diretamente acessíveis a um observador). Como já observado, eles indicam onde está a dor/incômodo, na cabeça/estômago/tórax/membro(s); que tipo de dor/dor é, pontada/surda/crônica/aguda; que a dor aumenta/diminui quando sentados/ou de pé; que não conseguem dormir/falta de apetite/se sentem deprimidos/ ansiosos/ preocupados/raivosos; que náuseas/vômitos ocorrem de manhã/à noite/após uma refeição ...
6. Os pacientes também podem apontar sinais, tais como um caroço em um de seus seios, um corte de machucado na canela, e assim por diante. Embora os médicos não possam ter acesso aos sintomas do paciente, eles podem verificar por si mesmos os sinais, pois estes são, se não objetivos, pelo menos passíveis de verificação inter-subjetiva por outros médicos. Os praticantes, *ex hypothesi*, são mais experientes e têm maior conhecimento e, portanto, podem observar mais sinais e analisá-los mais sistematicamente do que os próprios pacientes.
7. Com base em sinais e sintomas, os praticantes, apoiando-se em seus conhecimentos teóricos, em sua própria experiência clínica, bem como na experiência de outros praticantes, cuja experiência eles poderiam ter aprendido através de publicações profissionais ou mesmo através da vida profissional, tentariam um diagnóstico.

⁵⁷ Os antigos chineses tinham seu Iluminismo na época de Confúcio/Kongzi 孔子 (551-479 CE), se não antes; o Iluminismo alemão (do ponto de vista da filosofia) incluiria Leibniz e Kant - muito aproximadamente pode-se usar o século XVIII como guia. Ver Lee 2021/Próximo, Capítulo 2 para uma avaliação crítica de Kant que é reconhecido como o principal filósofo e pensador do Iluminismo.

8. Seus diagnósticos indicariam possíveis tratamentos.
9. Os tratamentos são prescritos com a confiança de que eles farão bem aos pacientes e os pacientes aceitariam e aplicariam os tratamentos com igual confiança de que funcionariam.
10. Pacientes e profissionais avaliariam os tratamentos: eles estão tendo resultados bons, limitados ou são totalmente eficazes?
11. Os profissionais usariam os mesmos parâmetros clínicos para julgar o sucesso ou o fracasso do diagnóstico-tratamento: melhoria da condição/cura total/morte.
12. Tais avaliações buscam ampliar o corpo de conhecimentos, habilidades e perícia dos profissionais, o que lhes permitiria, assim como às futuras gerações de profissionais, tornarem-se melhores diagnosticadores e prescritores de melhores tratamentos.

Em outras palavras, ambos os sistemas compartilham os mesmos objetivos/valores, para não mencionar em geral a mesma metodologia ampla. Seus praticantes seguem o mesmo chamado, para beneficiar seus semelhantes, aliviando-os de sua dor/incômodo provocada por sua doença. A Medicina Ocidental gosta de citar o Juramento Hipocrático⁵⁸ como uma encarnação de tais valores; na realidade, esse juramento contém muito que é totalmente estranho ao Ocidente e incompatível com os valores da Bm (pelo menos como praticado nos EUA, no Reino Unido e em outros países ocidentais atualmente). Para começar, ele invoca um fato de deuses pagãos, bem conhecidos, como Apolo, e outros menos conhecidos, como Asclepius e Hygieia e até mesmo obscuros, como Panacea. O profissional que faz esse juramento tem que fazer uma cirurgia, uma parte fundamental da MMW/Bm. O juramento proíbe a realização de abortos, bem como a prática da eutanásia/abortamento assistido, sob todas as circunstâncias que são questões muito polêmicas e controversas nas sociedades ocidentais de hoje, quer ferozmente rejeitadas ou defendidas por certos setores da população. Também exige que os praticantes ensinem "esta arte" sem "honorários ou contrato", o que mais uma vez está em desacordo com a prática nas sociedades ocidentais.⁵⁹ No entanto, três coisas

⁵⁸ Hipócrates viveu 460-370 a.C., e é tradicionalmente considerado como o "Pai da Medicina" (ou mais precisamente o fundador da escola hipocrática de medicina). Diz-se que o que ele ensinou está contido no que é chamado o Corpus Hipocrático de livros, na verdade escrito cem anos após sua morte. Este Corpus indicava que a escola subscrevia a opinião de que o remédio para as doenças residia principalmente em uma dieta saudável e no exercício. Na falta disso, algumas plantas/ervas seriam prescritas. Eles também falaram sobre como lidar com a luxação articular. E não se pode ter certeza se foi ele mesmo que escreveu o famoso Juramento.

⁵⁹ Ver The Hippocratic Oath 2002. Na verdade, este juramento deve ser lido no contexto do primeiro parágrafo que diz muito claramente que o ingresso na profissão médica estava se tornando um membro de um corpo profissional ao se tornar um membro da família do professor. Quando uma pessoa era aceita por um médico para aprender as habilidades/experiência, o aluno tinha que fazer um juramento de lealdade ao professor, bem como à comunidade de médicos; ele tinha que considerar seu mestre/professor como seu pai, sua família como sua própria, considerar seus filhos como seus próprios irmãos. Uma vez

ainda encontram favor: (a) manter o sigilo médico, (b) não fazer mal ou injustiça aos pacientes (presumivelmente na prescrição de tratamentos para pacientes) e (c) não cometer impropriedade sexual em relação aos membros da família do paciente, de ambos os sexos, sejam eles pessoas livres ou escravos (pode-se ler que isso se aplica também aos próprios pacientes).

Zhongyi tem um equivalente formulado por Sun Simiao 孙思邈 (580-682 CE), um ilustre teórico/prático/especialista em medicina que viveu durante o período Sui-Tang e foi homenageado com o título de "Rei da Medicina" ou "Rei dos Medicamentos". Dizia-se que ele era um menino prodígio; mesmo aos sete anos de idade, ele podia aprender mil palavras dos clássicos por dia, de modo que aos vinte anos já tinha dominado a *filosofia* (que incluía Daojia 道家, Rujia 儒家 e Fojia 佛家 /*Filosofia* Taoísta, Confucionismo e Budismo), bem como a literatura sobre *medicina*. Seu interesse pela *medicina* veio de sua experiência de infância; como uma criança doente, seus pais procuraram ajuda médica em todos os lugares, mas em vão, deixando a família mais ou menos falida. Dada sua inteligência e seu aprendizado, ele poderia ter se tornado um funcionário da corte e levado uma vida confortável e aconchegante. De fato, ele foi abordado pelo Tribunal Sui. Entretanto, ele virou recusou esse tipo de vida ao ver a pobreza e o sofrimento das pessoas comuns ao seu redor, provocados por impostos exorbitantes, sem mencionar as epidemias que normalmente floresciam no meio de circunstâncias tão terríveis. Ao invés disso, ele serviu ao povo comum do campo. Eventualmente quando a dinastia Tang foi estabelecida, os imperadores Tang conseguiram, até certo ponto, convencê-lo a vir à Corte, banhando-o com muitas honras. No entanto, ele considerava isso, na melhor das hipóteses, como um compromisso de meio período; ele passava muito tempo circulando amplamente pelo campo ao redor da capital, tratando/curando as pessoas comuns enquanto coletava receitas tradicionais ainda em uso, bem como coletando ervas e estudando-as. Finalmente, depois de alguns anos, ele deixou a Corte completamente (em 674 CE?) para morar em tempo integral em sua caverna, para seguir sua própria vida e agenda como eremita e alquimista. Sua busca da longevidade parecia ter sido bem sucedida, pois ele morreu com a idade madura de cento e um anos⁶⁰. Sua dedicação à *medicina* lhe rendeu grande respeito e admiração. Após sua morte foram construídos muitos templos dedicados a ele, e sua caverna tornou-se um lugar de peregrinação.

Sua atitude em relação à *medicina*, não como uma mera profissão, mas como um chamado profundo, repousava no axioma de que toda a vida humana era preciosa e inestimável e que o objetivo do médico era salvar tantas vidas quantas suas habilidades lhe permitissem. Seus pensamentos detalhados sobre tal chamado, são

aceito, o aluno era então ensinado gratuitamente a profissão; ele, por sua vez, a ensinaria a seus próprios filhos e aos filhos de seu professor.

⁶⁰ Alguns chegaram mesmo a dizer que aos cento e quarenta e dois.

encontrados no prefácio de um de seus dois livros ⁶¹intitulados 大医精诚 *Dayi jingcheng*/ *A Sinceridade Absoluta do Grande Médico* (também, entre outros, como *A Importância do conhecimento e da ética médica para um médico*), podem ser resumidos como segue:

- (a) Dever de aliviar o sofrimento e/ou curar aqueles que estão doentes, feridos e moribundos.
- (b) Este dever existe quer os doentes sejam ricos ou pobres, nobres ou humildes, atraentes ou pouco atraentes, instruídos ou sem instrução: tratar todos os pacientes igualmente.
- (c) A execução de tal dever pode ser perigosa e cheia de dificuldades:⁶² o médico não deve ter medo e fugir do dever.
- (d) Nunca ser dissuadido pela sujeira e pelo fedor emitidos por alguns pacientes muito doentes; nunca recusar tais pacientes.
- (e) Manter sempre a calma, concentrar-se no diagnóstico correto e preciso; prestar sempre atenção à segurança dos pacientes.
- (f) Respeitar os colegas médicos; nunca ter ciúmes dos outros.

Os praticantes do MCC-Zhongyi, em particular, são hoje exortados/esperados a aderir a esta Declaração de Ética Médica.

Sun Simiao disse que se precisava estudar e saber:

- (i) O budismo para abrir-se à compaixão e empatia pelos semelhantes.
- (ii) O cânone de *Rujia* para encarnar em si mesmo as virtudes da humanidade (仁) e da retidão/ o que é correto e apropriado (义).
- (iii) O texto fundador da cultura e civilização chinesa, *Yijing* / *I Ching* assim como outros textos em *Taojia* (filosofia taoísta) como *Laozi* 《老子》 e *Zhuangzi* 《庄子》 pois sem estes dois últimos, não seria possível entender o entrelaçamento harmonioso de Yinyang 阴阳, o movimento de *qi* ⁶³气 na pessoa (para promover e manter a saúde)
- (iv) As outras *filosofias* do Período dos Estados em Guerra, bem como a história, a fim de compreender o presente através do passado.

⁶¹ Seus dois livros são: 《备急千金要方》 *Bei ji qianjin yao fang* que ele escreveu aos 71 anos de idade e 《千金翼方》 *Qianjin yi fang*.

⁶² Pense nos riscos à vida enfrentados por todos os trabalhadores da área de saúde (médicos, enfermeiros, paramédicos, trabalhadores de ambulância, carregadores e limpadores hospitalares) durante a pandemia de Covid-19, especialmente no Reino Unido, onde os EPI (Equipamentos de Proteção Individual) não chegaram durante o auge da crise do Reino Unido. O próprio Sun Simiao tratou com sucesso centenas de pacientes que sofriam de hanseníase.

⁶³ Este termo será deixado sem tradução aqui; o conceito será explorado em capítulos posteriores deste livro.

Estes requisitos exigentes estão expostos no capítulo intitulado 大医习业 *Dayi xiye* /A *Prática Profissional do Grande Médico*, que precedeu o capítulo que expôs sua *Declaração de Ética Médica*. Você pode ver que a concepção de *Zhongyi*, tal como foi exposta por Sun Simiao, é uma concepção que preconiza o que este livro chama de *Ciência de Ecossistemas*, um tema que será explorado em detalhes no Capítulo 4 deste livro. Para entendê-lo, é preciso situá-lo dentro da história, *filosofia*, sociedade, cultura e civilização chinesa; não pode e não deve ser apreendido como mero conhecimento técnico. Sua terapia está enraizada em sua teoria, sua teoria enraizada em sua *filosofia* e sua *filosofia* enraizada em sua história, cultura e civilização - o Microcosmo está embutido no Macrocosmo; juntos formam um *Todo* (o que em chinês é chamado 天人相应 *tianren-xiangying* ou 天人合一 *tianren-heyi*, o que na literatura de sinologia é traduzido como "Pensamento Correlativo", mas que este autor traduz como "Macro-Micro-cosmic *Wholism*").⁶⁴

Conclusão

1. Este estudo delineou alguns detalhes de eventos e episódios traumáticos na história relativamente recente da China, a fim de tornar explicável o profundo impulso para a **Modernização**. Por trás deste impulso existia (e ainda existe) a percepção de que para evitar a humilhação nas mãos de potências estrangeiras, os chineses devem manter-se atualizados com novos e avançados conhecimentos por meio da Ciência Moderna e sua Tecnologia.
2. Seguiu-se (segue-se) que os chineses devem se rebaixar, ou mesmo abandonar, seus próprios conhecimentos e tradições nativos, sejam eles o seu sistema de escrita não alfabética, ou seu sistema de *medicina*.
3. Como resultado, muitas elites chinesas aceitaram implicitamente a Mentalidade Colonial e seu postulado epistemológico de Essencialismo do Método.
4. Só a Ciência Moderna e a Medicina Moderna (Colonizador) incorporam o paradigma da Cientificidade ; os paradigmas concorrentes (Colonizados), em contraste, estão necessariamente abaixo do padrão, se não mesmo totalmente obscuros, ininteligíveis, supersticiosos.
5. Este estudo conclui que para dispersar a Mentalidade Colonial, é preciso desafiar o Excepcionalismo Metodológico, demonstrando suas falhas.
6. O postulado também não está de acordo com a filosofia do Wittgenstein posterior através de seus conceitos de jogos de linguagem e semelhança familiar.

E termino com dois comentários sobre assuntos adotados neste estudo:

⁶⁴ Para uma interpretação desta concepção de *Zhongyi/CCM-Zhongyi* em inglês, ver Lee 2017a e 2018; em chinês, ver Liu.2003 e sua tradução em inglês como *Classical Chinese Medicine* em 2019.

- (a) Termos como "filosofia", "medicina" são dados em duas versões, uma em fonte normal, a outra em itálico. Este último é invocado quando os termos são utilizados em contextos referentes à teorização e prática chinesa nestes domínios. Isto é feito para destacar a carga principal deste estudo, para demonstrar a Mente Colonial em ação, assim como para expor as semelhanças e diferenças entre os dois sistemas de Medicina/Medicina.
- (b) O termo "zhongyi" não pode e não será traduzido para o inglês como "Medicina Chinesa" por medo de que o público leitor o identifique apenas com a MTC - ver, por exemplo, Scheid 2002. Em chinês, "zhongyi" refere-se simplesmente àquela *medicina* que de uma forma ou de outra é praticada hoje na China, mas cujas raízes remontam a pelo menos dois mil e quinhentos anos de história. A *medicina* hoje em dia na China pode assumir duas formas: De um lado a MCC/ *Medicina Chinesa Clássica*, que não quer comprometer suas raízes históricas *filosóficas/cosmológicas*, como se encontra nos textos canônicos - abreviadamente, MCC-Zhongyi, e, de outro lado a *MTC/Medicina Tradicional Chinesa*, que propõe fazer parte da *Medicine Integrada /MI* - abreviadamente, TCM-Zhongyi ⁶⁵. Por exemplo, o título do livro de Liu Lihong (2003), que faz um apelo apaixonado pela MTC-Zhongyi, é *Sikao zhongyi* 《思考中医》 which pode ser literalmente traduzido como *Exploração Sistemática da Medicina Chinesa* ou *Exploração Sistemática da Medicina Chinesa*. É óbvio então que "zhongyi", no uso chinês, não pode ser equiparado simplesmente com a MTC-Zhongyi.

Para o propósito deste livro, *Zhongyi* será constantemente referido, em resumo, como MCC-Zhongyi ou MTC-Zhongyi, dependendo do contexto. Ocasionalmente, *Zhongyi* é invocado por si só quando o contexto deixa claro que pode não importar muito qual das duas versões o leitor deve ter em mente. Em outras palavras, este uso é um lembrete de que existem pontos comuns apesar das diferenças entre MCC-Zhongyi e MTC-Zhongyi.

Referências

- Ames, T. 2019. 20 Facts About the Opium Wars. HISTORY HIT. URL = <https://www.historyhit.com/facts-about-the-opium-wars/>.
- Andreski, S. 1974. Ed. *The Essential Comte*. Trans. M. Clarke. London: Croom Helm.
- Beasley, W. 1981. Edo Japan: politics and foreign relations. *The Great Japan Exhibition: Art of the Edo Period (1600-1868)*. London: Royal Academy of Arts in association with Weidenfeld and Nicolson.
- Bowlby, C. 2015. The palace of shame that makes China angry. BBC News, Beijing. URL = <https://www.bbc.co.uk/news/magazine-30810596> .
- Crane, L. 2011. Drugs in Victorian Britain. URL = <https://wellcomecollection.org/articles/W87wthIAACQizfap> .
- Curt, R. 1991. *Brushes with Power: Modern Politics and the Chinese Art of Calligraphy*. Berkeley: University of California Press.

⁶⁵ A MTC-Zhongyi abandonou o conceito de Wuxing 五行 que, entretanto, é parte integrante da CPT e do CCDP e, portanto, do CCM-Zhongyi. Ver Lee 2018, Capítulo Três.

- Dawkins, R. 1986. *The Blind Watchmaker: Why the Evidence of Evolution Reveals a Universe Without Design*. New York: W.W. Norton and Company.
- De Francis, J. (1984). *The Chinese Language: Fact and Fantasy*. Honolulu: University of Hawaii Press.
- De la Mettrie, Julian Offray. 1748. *Man A Machine*. In English 1750. URL = <http://www.cscs.umich.edu/~crshalizi/LaMettrie/Machine/>
- Duke, M. 1991. *The Development of Medical Techniques: From Leeches to Heart Surgery*. Madison, CT: International University Press.
- Evans, D. 2004. *Placebos*. Oxford: Oxford University.
- Fry, S. 2009. *Last Chance to See*. URL = <https://www.stephenfry.com/2009/09/last-chance-to-see/> .
- Gu, M. 2013. *Sinologism: An Alternative to Orientalism and Postcolonialism*. London and New York: Routledge.
- Hernon, I. 2003. *Britain's Forgotten Wars: Colonial Campaigns of the 19th Century*. Gloucestershire: The History Press.
- Karchmer, E. 2015. Slow Medicine: How Chinese Medicine Became Efficacious Only for Chronic Conditions. In *Historical Epidemiology and the Making of Modern Chinese Medicine*. Ed. Howard Chiang. Manchester: Manchester University Press.
- 2017. Double Truths and the Postcolonial Predicament of Chinese Medicine. In Eds. Solomon, Simon and Kincaid, *The Routledge Companion to Philosophy of Medicine*. New York and London: Routledge..
- Lee, K. 1999. *The Natural and the Artefactual: The Implications of Deep Science and Deep Technology for Environmental Philosophy*. Lanham: Lexington Books.
- 2005. *Philosophy and Revolutions in Genetics: Deep Science and Deep Technology*, Palgrave, Basingstoke, (second edition). Basingstoke: Palgrave.
- 2008/2018. *Warp and Weft: Chinese Language and Culture*. New York: Eloquent Books/Amazon Publishing.
- 2017. *The Philosophical Foundations of Classical Chinese Medicine: Philosophy, Methodology, Science*. Lanham: Lexington Press.
- 2018. *Classical Chinese Medicine: Theory, Methodology and Therapy in Its Philosophical Framework*, Lady Stephenson Library, Newcastle-upon-Tyne, Cambridge Scholars Publishing, 2018.
- Liu, L./ 刘力红. 2003. *《思考中医》. 桂林, 广西师范大学出版社/*Exploring Chinese Medicine*. Guilin: Guangxi Normal University Press.
- 2019. *Classical Chinese Medicine*. Trans. G. Weiss and H. Buchtel with S. Wilms. Ed. H. Fruehauf. Hong Kong: The Chinese University of Hong Kong Press.
- Mair, V. 2002. Sound and Meaning in the History of Characters: Views of China's Earliest Script Reformers. In Ed. Mary S. Erbaugh. *Difficult Characters: Interdisciplinary Studies of Chinese and Japanese Writing*. Ohio: National East Asian Languages Resource Center, Ohio State University.
- Maturana, H. & F. Varela. 1980. 2nd English Edition. *Autopoiesis and Cognition: The Realization of the Living*. Dordrecht/New York: D. Reidel Publishing Company.
- Merchant, C. 1980. *The Death of Nature: Women, Ecology and the Scientific Revolution*. San Francisco: Harper & Row, Publishers.
- Moerman, D. 2002. *Meaning, Medicine and the Placebo Effect*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Morphine as A Cure for Opium Addiction. 2020. URL = <https://www.cram.com/essay/Morphine-As-A-Cure-For-Opium-Addiction/F33ZP4FNBXYQ>.
- Mote, F. 2003. *Imperial China: 900-1800* Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press.
- Ryle, G. 1949. *The Concept of Mind*. London: Hutchinson.
- Scheid, V. 2002. *Chinese Medicine in Contemporary China: Plurality and Synthesis*. Durham: Duke University Press.
- St. James, J. 2017. Vintage Drug Addiction: 19th and Early 20th Century Opium Dens. The World of Wonder Report. URL - <https://worldofwonder.net/vintage-drug-addiction-19th-early-20th-century-opium-dens/>.
- Williams, G. and R. Searle. 1958. *The Complete Molesworth*. London: Pavilion Books Ltd., Michael Joseph.
- Wittgenstein, L. 1953. First Edition. Trans. G.E.M. Anscombe. *Philosophical Investigations*. London: Macmillan Publishing Company.
- Wootton, D. 2006. *Bad Medicine*. Oxford: Oxford University Press.
- Zheng, Y. 2005. *The Social Life of Opium in China*. Cambridge: Cambridge University Press.